

MESTRADO EM TEMAS DE PSICOLOGIA
PSICOLOGIA DO COMPORTAMENTO DESVIANTE E DA JUSTIÇA

Perceções sobre Masculinidade e Violência

Carolina de Oliveira Guimarães

M

2020



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

PERCEÇÕES SOBRE MASCULINIDADE E VIOLÊNCIA

Carolina de Oliveira Guimarães

Novembro, 2020

Dissertação apresentada no Mestrado em Temas de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora ***Celina Manita*** (Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

À Professora Doutora Celina Manita, pela orientação e pelo importante auxílio ao longo deste projeto.

Aos participantes, pelo contributo essencial que foi partilhado.

À minha família, e especialmente aos meus pais, Sérgio e Luciana, pelo apoio incondicional.

Ao Hélder, pelo amor e carinho; por estar ao meu lado durante todo este percurso, e por incentivar-me a seguir em frente.

Às amigas que ganhei ao longo desta jornada, e que tornaram os meus dias mais fáceis e leves: Ariadne Fernandes, Beatriz Portela, Carla Rubinsztejn, Fernanda Nicolini, Letícia Figueirinha, Luisa Lamounier, Maria Laura Riscali, Mariana Visone, Mayerling Caicedo, Renata Müller e Tamylle Cunha.

Às amigas que ficaram no Brasil (ou pelo mundo), mas que a distância não conseguiu desunir: Amanda Tobias, Andreza Saboia, Camila Farias, Guilherme Holanda e Thaís Cortez.

Resumo

O género pode ser definido como um conjunto de papeis e prescrições sociais atribuídos aos homens e às mulheres, diferindo para cada um de acordo com as normas culturais vigentes na sociedade, e sendo o “feminino” e o “masculino” constantemente atualizados nas interações e vivências dos indivíduos e evolução das sociedades. A noção de hegemonia masculina aborda a valorização de determinados aspetos conferidos ao homem, em detrimento do que é conferido à mulher, estabelecendo uma relação hierárquica, na qual o masculino detém a vantagem. Tal desigualdade de género é uma das explicações para a violência contra a mulher, hoje considerada um grave problema em todo o mundo. Assim, o comprometimento dos homens com a mudança torna-se particularmente relevante para mitigar este tipo de violência, algo sobre o qual se refletiu neste estudo.

O presente estudo teve, então, como objetivo principal investigar as perceções de masculinidade de homens portugueses, buscando-se também compreender como tais perceções poderiam ter relação com a perpetração da violência, mais especificamente, a violência contra a mulher. Partindo-se de uma metodologia qualitativa e de uma perspetiva construcionista social, foram realizadas entrevistas em profundidade com seis homens portugueses. As entrevistas foram transcritas e submetidas a uma análise de conteúdo de tipo categorial, com construção, de raiz, de uma grelha de análise dos dados.

A análise resultou em seis temas principais – «*Ser homem*», *Masculinidade*, *Conceções sobre a mulher*, *Perceção de género*, *Violência e Relação Homem/Masculinidade*. As perceções de masculinidade trazidas pelos participantes estão vinculadas às expetativas da sociedade, que são, em sua maioria, tradicionais/hegemónicas, e com as quais não há identificação por parte de alguns entrevistados. Relativamente à violência, estabeleceu-se uma associação entre esta e alguns componentes da masculinidade; a violência contra a mulher também foi associada a aspetos da masculinidade tradicional/hegemónica. Os resultados apontam para a importância dos discursos sociais e individuais, na manutenção ou na mudança de padrões sociais eventualmente prejudiciais para os sujeitos. Releva-se a importância de os homens contribuírem ativamente para a promoção destas mudanças.

Palavras-chave: Género; Masculinidade; Desigualdade; Violência contra a mulher

Abstract

Gender can be defined as a set of roles and social prescriptions attributed to men and women, differing for each one according to the cultural norms in force in society, and the “feminine” and the “masculine” are constantly being updated in the interactions and experiences of individuals and in the evolution of societies. The notion of male hegemony addresses the valuing of certain aspects conferred on men, to the detriment of what is conferred on women, establishing a hierarchical relationship, in which the masculine holds the advantage. Such gender inequality is one of the explanations for violence against women, now considered a serious problem worldwide. Thus, men's commitment to change becomes particularly relevant to mitigate this type of violence, something that was reflected in this study.

The main objective of the present study, then, was to investigate the perceptions of masculinity in Portuguese men, also seeking to understand how such perceptions could be related to the perpetration of violence, more specifically, violence against women. Based on a qualitative methodology and a social constructionist perspective, in-depth interviews were conducted with six Portuguese men. The interviews were transcribed and submitted to a categorical content analysis, with the construction of a data analysis grid from scratch.

The analysis resulted in six main themes – *«Being a man», Masculinity, Conceptions about women, Gender perception, Violence and Man / Masculinity Relationship*. The perceptions of masculinity brought by the participants are linked to society's expectations, which are mostly traditional / hegemonic, and with which there is no identification on the part of some interviewees. Regarding violence, an association was established between this and some components of masculinity; violence against women was also associated with aspects of traditional / hegemonic masculinity. The results point to the importance of social and individual discourses in maintaining or changing social standards that may be harmful to the subjects. The importance of men actively contributing to the promotion of these changes is highlighted.

Keywords: Gender; Masculinity; Inequality; Violence against women

Resumé

Le genre peut être défini comme un ensemble de rôles et de prescriptions sociales attribués aux hommes et aux femmes, différant pour chacun selon les normes culturelles en vigueur dans la société, et le «féminin» et le «masculin» constamment mis à jour dans les interactions et expériences des individus et évolution des sociétés. La notion d'hégémonie masculine aborde la valorisation de certains aspects conférés aux hommes, au détriment de ce qui est conféré aux femmes, établissant une relation hiérarchique, dans laquelle le masculin détient l'avantage. Cette inégalité entre les sexes est l'une des explications de la violence à l'égard des femmes, aujourd'hui considérée comme un problème grave dans le monde. Ainsi, l'engagement des hommes envers le changement devient particulièrement pertinent pour atténuer ce type de violence, ce qui a été reflété dans cette étude.

La présente étude avait donc pour objectif principal d'étudier les perceptions de la masculinité des hommes portugais, en cherchant également à comprendre comment ces perceptions pouvaient être liées à la perpétration de violences, plus précisément à la violence contre les femmes. Sur la base d'une méthodologie qualitative et d'une perspective constructionniste sociale, des entretiens approfondis ont été menés avec six hommes portugais. Les entretiens ont été transcrits et soumis à une analyse de contenu catégorique, avec la construction d'une grille d'analyse des données à partir de zéro.

L'analyse a abouti à six thèmes principaux – *«Être un homme»*, *La masculinité*, *Les conceptions sur les femmes*, *La perception du genre*, *La violence* et *La relation homme / masculinité*. Les perceptions de la masculinité apportées par les participants sont liées aux attentes de la société, qui sont pour la plupart traditionnelles / hégémoniques, et avec lesquelles il n'y a aucune identification de la part de certains interviewés. En ce qui concerne la violence, une association a été établie entre celle-ci et certaines composantes de la masculinité ; la violence à l'égard des femmes était également associée à des aspects de la masculinité traditionnelle / hégémonique. Les résultats soulignent l'importance des discours sociaux et individuels, dans le maintien ou l'évolution des normes sociales qui peuvent nuire aux sujets. L'importance des hommes contribuant activement à la promotion de ces changements est soulignée.

Mots clés: Genre; Masculinité; Inégalité; Violence contre les femmes

Índice

Introdução	1
Enquadramento Teórico-Conceptual	2
1. Género e Feminismo	2
2. Violência de Género	4
3. Masculinidades	8
Estudo Empírico	13
1. Metodologia	13
1.1 Objetivos.....	13
1.2 Participantes	14
1.3 Método de recolha de dados	15
1.4 Método de análise de dados.....	16
2. Descrição dos resultados.....	18
2.1 «Ser homem».....	18
2.2 Masculinidade.....	20
2.3 Conceções sobre a mulher	22
2.4 Perceções de papéis de género.....	22
2.5 Violência.....	24
2.6 Relação Homem/Masculinidade – Violência	26
3. Discussão dos Resultados	27
Conclusão.....	32
Referências Bibliográficas	33

Índice de Anexos

Anexo 1 – Guião de Entrevista.....	37
Anexo 2 – Termo de Consentimento Informado	39
Anexo 3 – Grelha de Análise de Conteúdo dos Dados.....	41

Introdução

Aludindo à violência como uma prática de difícil conceituação, Minayo & Souza (1999) afirmam que esta pode ser uma forma própria de relação pessoal, política, social ou cultural, uma resultante das interações sociais ou um componente cultural naturalizado. A Organização das Nações Unidas (ONU, 2006) reconhece a violência contra as mulheres como um problema de saúde pública que persiste em todos os países do mundo como violação dos direitos humanos e como impedimento para que se alcance a igualdade de gênero – sendo possível sua perpetração pelo Estado ou seus agentes, por familiares ou desconhecidos, na esfera pública ou privada.

Ainda de acordo com a ONU, o Estado tem obrigação de proteger as mulheres da violência, responsabilizar os perpetradores e promover justiça para as vítimas. Ela traz como ações indispensáveis à prevenção desta violência a promoção e proteção dos direitos das mulheres, bem como o reforço de ações visando à igualdade entre homens e mulheres. Dessa maneira, o envolvimento dos homens nos trabalhos os quais buscam tais metas torna-se promissor, especialmente no contexto português, no qual se verificou, dentre os casos de violência doméstica, 85.73% correspondendo à percentagem de vítimas mulheres, e 85.93% correspondendo aos homens autores do crime (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, 2018).

O presente estudo, portanto, pretende explorar o envolvimento do homem dentro desta problemática. Dessa forma, a primeira parte consiste em investigar a noção de gênero dentro da concepção feminista, a violência contra a mulher e as masculinidades. A seguir, no estudo empírico, são delineados os objetivos e a metodologia utilizada, especificando-se a seleção dos participantes e o método de análise de dados. Os resultados obtidos são descritos e discutidos à luz da literatura sobre o tema.

Enquadramento Teórico-Conceptual

1. Género e Feminismo

O termo “género”, na análise feminista, começou a ser abordado no sentido de fundamentar as diferenças que os homens e as mulheres carregam consigo em seus papéis sociais, ou seja, o modo de ser e estar no mundo aprendido ao longo da socialização de cada um – um conjunto de construções e prescrições sociais sobre o que é ser mulher ou ser homem, que vão muito para além do sexo biológico e que se refletem nas práticas do cotidiano, bem como nas práticas institucionais (Guedes, 1995). Essa abordagem teve seu expoente durante a década de 1970, com o advento da Segunda Vaga do Feminismo e dos estudos feministas acerca dos paradigmas disciplinares que permeavam a “mulher” e o “feminino”, fazendo emergir das distinções com base no sexo a categoria de análise “género”. A criação dessa categoria dentro do Movimento Feminista fez com que seus estudos tomassem caráter mais científico, obtendo maior aceitação da Academia (Scott, 1995; Januário, 2016).

Também os movimentos feministas ressaltaram o caráter político das desigualdades entre sexos, procurando-se retirar da esfera das interações a nível micro os diversos tipos de violência perpetrados contra as mulheres, chamando atenção para a ampla dimensão do controle patriarcal exercido e sublinhando problemáticas que eram não de caráter pessoal, mas social (Wood & Roche, 2001; Azambuja, 2008). Segundo Costa (2005), citada por Azambuja (2008), pode-se afirmar que os movimentos feministas e de mulheres tiveram vasta responsabilidade na ampliação da intervenção do controlo social formal sobre os domínios que antes estavam no espectro do controlo informal. A conceptualização do termo “género” relaciona-se, assim, aqui, intrinsecamente com a articulação política das pautas feministas frente às discriminações sofridas pelas mulheres e à violação de seus direitos.

Sobre esta perspetiva, acrescenta-se a reflexão de Bento (2006), a qual traz para o tema a pluralidade necessária para o estudo de género, colocando luz sobre outras variáveis sociológicas que estão relacionadas à identidade de género – como a etnia e a classe social. É importante, pois, para além dos papéis de género, o foco deste estudo, atentar-se para as demais características de um indivíduo que o levam a determinada posição social e o predisõem a determinadas vivências.

Acerca desse termo “gênero”, Scott (1995) vai abordá-lo como elemento que constitui relações sociais e relações de poder, tendo emergido diante das diferenças percebidas entre os sexos. Ela ainda vai alegar (2010) que esta percepção do sexo como verdade biológica é permeada pela própria noção de gênero, ou seja, a noção de que os sexos representam “homem” e “mulher” parte de uma percepção da realidade já atravessada por discursos anteriores concernentes às características dessas duas categorias:

The idea of cultural construction rested on the notion that sex and gender could be carefully distinguished, the one referring to biology, the other to culture. Some critics (Judith Butler, Donna Haraway) pointed out that the distinction was a false one, since if gender could be culturally constructed, so could the biological meanings of sex. Indeed, it was gender that attributed to biology its supposedly inherent significance. (p. 7)

Levando tal reflexão em consideração, o gênero – e mesmo o sexo – ultrapassaria os chamados "imperativos evolutivos", constituindo-se uma prática social que diz respeito aos corpos e suas ações. O emergir desse conceito enfatiza, portanto, a historicidade presente nas expectativas de performance do masculino e do feminino e dos sentidos que essas performances produzem.

Nessa direção, o desempenho de condutas relacionadas ao que é ser homem ou mulher é trazido por Butler (2003), a qual alega que, na análise discursiva sobre gênero, são pré-definidas as possibilidades de configurações imagináveis e realizáveis do gênero dentro da cultura, pois essa dimensão discursiva limita e condiciona as experiências. O discurso hegemônico, assim, vai estabelecer as fronteiras do que é possível tornar-se, sendo tal discurso, atualmente, atravessado pela noção binária (homem-mulher, neste caso), noção esta também presente em outros discursos e tomada como racionalidade universal. A autora, então, traz à cena – fazendo referência aos estudos de Foucault acerca da sexualidade – as produções de poder anteriores e implicadas na construção social dos papéis de gênero.

Butler ainda traz o entendimento de gêneros “inteligíveis”, os quais instituem as relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo – ou seja, é responsável por manter a “verdade” do sexo, a ligação causal entre sexo biológico e gênero que é normalizadora. Para Almeida (1998), os determinismos associados à “verdade” do sexo levam à hierarquia do masculino sobre o feminino, valorizando-se mais as atividades ligadas ao masculino.

Embora Connell (2005) aluda à multiplicidade dos gêneros e ao afastamento do essencialismo presente no “masculino” e no “feminino” no contexto acadêmico, a cultura

européia/americana ainda traz enraizada consigo essa noção binária e, por conseguinte, confere a estas duas instâncias lugares e formas de ser diferentes. Para Bourdieu (2005), tais diferenças integrariam um conjunto de oposições – aberto/fechado, ativo/passivo, direito/esquerdo, vazio/cheio, *masculino/feminino* – que se inscrevem nas estruturas cognitivas do sujeito e manifesta-se no mundo social por meio de esquemas de percepção, pensamento e ação. A vivência dessas oposições levaria à naturalização e legitimação dos atributos designados a cada parte da oposição, atributos estes conferidos de valor e, portanto, hierarquizáveis. No contexto do gênero, essa hierarquização seria o que Bourdieu chamou de dominação masculina, alicerçada pela violência simbólica – conceito que será trabalhado mais à frente.

2. Violência de Gênero

Diante do que foi colocado quanto ao constructo “gênero”, faz-se relevante a discussão acerca da *violência de gênero*. Considerando os numerosos usos semânticos utilizados diante desse fenômeno e às implicações próprias de cada um – violência doméstica, violência conjugal, violência intrafamiliar, violência nas relações de intimidade –, Lima, Büchele & Clímaco (2008) vão afirmar que ainda não há consenso relativamente à terminologia utilizada para denominar esse tipo de violência sofrida pelas mulheres.

Existem diversos estudos acerca da violência conjugal, por exemplo, os quais apresentam diferentes pontos de vista sobre o seu cerne, evidenciando-se dois principais expoentes: a perspectiva feminista, que aborda a dominação patriarcal como ponto fulcral da violência conjugal; e a perspectiva dos sociólogos da família, na qual o uso de violência parte tanto dos homens como das mulheres, encarando-se o fenômeno mais como dinâmica conjugal em que as duas partes são igualmente responsabilizadas (Casimiro, 2008). Isto se deve aos divergentes modos de operacionalização das pesquisas, partindo do caráter qualitativo ou quantitativo, da escolha da amostra e da metodologia de investigação.

Há de se ter ciência, todavia, de que as violências perpetradas dentro de uma relação conjugal ou intrafamiliar têm pormenores que alteram a dinamicidade da relação, não sendo possível observar de forma clara a relação homem-mulher, simplesmente. Entretanto, Bandeira (2014) vai alegar que, ao se optar pelo uso de *violência de gênero* para abordar a violência contra a mulher, “Entende-se que as ações violentas são produzidas em contextos e espaços relacionais e, portanto, interpessoais, que têm cenários sociais e histórico não

uniformes” (p. 451). Ou seja, mesmo levando-se em consideração as particularidades de cada espaço relacional e suas exceções, “A centralidade das ações violentas incide sobre a mulher, quer sejam estas violências físicas, sexuais, psicológicas, patrimoniais ou morais, tanto no âmbito privado-familiar como nos espaços de trabalho e públicos” (p. 451).

Desse modo, a Organização das Nações Unidas (ONU, 2006) aponta a violência contra a mulher como uma violência de gênero que é direcionada às mulheres pelo facto de serem mulheres, ou que afeta as mulheres desproporcionalmente, e a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) vai definir a violência em relação íntima como qualquer comportamento que cause dano físico, psicológico ou sexual para aqueles na relação – sendo as mulheres, em número, as maiores vítimas deste tipo de violência. Bandeira (2014), ao comentar acerca da maior incidência destas violências sobre mulheres, afirma que isso não se trata de adotar uma perspectiva vitimizante, mas sim de frisar as relações assimétricas de poder as quais permeiam a vida rotineira das pessoas, uma vez que é expressiva a diferença proporcional dos que sofrem a violência de gênero e daqueles que a praticam.

Em Portugal, é possível aferir os dados relativos à violência doméstica por meio dos números trazidos pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2018) que, entre os anos de 2013 e 2017, registou 36.528 processos de apoio a vítimas de violência doméstica, sendo identificadas como do gênero feminino 85.73% das vítimas e de 49,4% o índice daquelas agredidas por cônjuge ou companheiro/a. Dentre os/as autores do crime, 85.93% eram do gênero masculino.

Ainda no cenário português, num estudo sobre violência no namoro em contexto universitário (Neves et al., 2020), constatou-se que os participantes praticantes de violência possuíam crenças de gênero mais conservadoras do que os não praticantes, e que os participantes do sexo masculino tinham crenças de gênero mais conservadoras que as participantes do sexo feminino. Também foi averiguado que a violência psicológica era a mais praticada dentro do namoro, seguida pelas violências social, física e sexual, respectivamente.

Em uma revisão de literatura com o intuito de determinar os custos da violência contra a mulher em países da União Europeia, o Instituto Europeu para a Igualdade de Gênero estimou o custo de 2,3 mil milhões de euros por ano para Portugal (2014), aproximadamente. O estudo abrangeu áreas afetadas por esta violência, como trabalho, serviços de saúde, sistema judicial, políticas públicas, custos pessoais, serviços especializados (como centros de apoio à vítima e linhas telefônicas de ajuda) e impacto emocional.

Ao versar sobre o controle presente na realidade da violência doméstica, Johnson (2007) chama a atenção para os diferentes alicerces utilizados em estudos sobre esse tema, alegando que muitos se debruçam sobre a violência situacional (geralmente ocorre numa conjuntura de simetria entre os parceiros) ou sobre o terrorismo nas relações de intimidade (o qual tem lugar em relacionamentos com grande assimetria de género). No que concerne a este último, o autor cita táticas de controlo como abuso económico – o homem detém o dinheiro ou o acesso a este; discurso do privilégio masculino – sua palavra não pode ser questionada; isolamento – a mulher é afastada de todos, distancia-se daqueles em quem confia e seu parceiro acaba por ser a única fonte de convivência, informação e afeto; humilhação e abuso emocional – rebaixando suas capacidades e seu valor; intimidação – ameaças, gritos, quebra de objetos; dentre outros, os quais constroem uma teia de controlo na qual a violência física pode estar presente.

Para Grossi (1996, citada por Alves & Diniz, 2005), a violência contra a mulher pode se manifestar de diferentes maneiras, das mais veladas às mais evidentes, podendo ser invisível e disseminada nas relações sociais. Bandeira (2014) traz que, de acordo com estudos feministas sobre violência de género, são diversos os fatores que compõem a dinâmica da violência, mas há de se destacar o patriarcado como um de seus pilares. Considera-se necessária, aqui, a ressalva de que a dominação simbólica masculina, por si só, é insuficiente para justificar o fenómeno multivariado da violência (de género) perpetrada por homens e direcionada à mulher, ao mesmo tempo em que este elemento é importante para compreender o pano de fundo e os desdobramentos desta dinâmica.

A ONU (2006), nesse sentido, discorre acerca da noção de patriarcado, apresentando-o como a sistemática dominação da mulher pelo homem, a qual se reflete no facto de que a violência contra a mulher está enraizada em diversos países, culturas, religiões, raças e classes sociais. O patriarcado se encontra, então, institucionalizado no direito, nas estruturas políticas, nas economias locais e mundiais, nas ideologias formais e no discurso público. Ele está intimamente relacionado com outros sistemas de subordinação e exclusão e manifesta-se de diferentes maneiras em distintas esferas culturais, políticas e geográficas. No cenário da violência em relações de intimidade, esta é recorrida pelos homens como forma de disciplinarização da mulher por suas transgressões quanto aos papeis tradicionais femininos, ou quando eles se percebem desafiados diante de seus papeis masculinos (OMS, 2004).

Sobre o engendramento desses papeis, é pertinente trazer a noção foucaultiana de relações de poder através do saber. Foucault (2001), ao ocupar-se esse tema, vai afirmar que “As relações de poder não se encontram em posição de exterioridade com respeito a outros

tipos de relações (processos econômicos, relações de conhecimentos, relações sexuais), mas lhes são imanentes” (p. 90) e “É justamente no discurso que vêm a se articular poder e saber” (p. 95). Ele também alega que os saberes presentes nesses discursos não são desprezíveis ou incontestáveis, não obstante sejam produtores de “verdades”, ou seja, assumem caráter irrefutável no entendimento social. Questiona-se, então, de que modo tais tensões entre poder e saber, presentes no discurso, definem os papéis de gênero e como estes últimos influenciam o próprio discurso. A violência de gênero parece ser, logo, um produto ou sintoma derivado da articulação desses componentes, utilizada como forma de controle diante dos desvios da verdade fabricada a respeito do sexo.

No que tange às reflexões sobre o patriarcado e as relações de poder em Foucault, é válido também o aprofundamento do conceito de violência simbólica, cunhado por Pierre Bourdieu em um contexto de estudo do funcionamento das relações sociais e suas hierarquias. O sociólogo, assim, começa por introduzir o conceito ao dar exemplos de esquemas de pensamento (como os conjuntos de oposições aqui já referidos, tal qual masculino/feminino), os quais seriam resultado de uma “concordância entre estruturas objetivas e as estruturas cognitivas (...), entre o curso do mundo e as expectativas a esse respeito” (Bourdieu, 2005, p.17).

Os esquemas seriam, portanto, produto da internalização dos aspectos arbitrários da realidade investidos de sentido, resultando em percepções do mundo que são consideradas neutras e que servem como base para se estabelecer uma ordem natural das coisas. Estas percepções, no entanto, carecem de neutralidade, pois já estão marcadas por preconceções, mas inserem-se no bojo do que é considerado real por meio do trabalho de uma socialização difusa e contínua: o autor nomeia de *habitus* este processo de socialização e repetição. A assimilação de esquemas e o *habitus* irão produzir, no caso do gênero, as características da diferenciação biológica entre os sexos a partir da óptica androcêntrica como princípio de visão da realidade. Nas palavras do próprio Bourdieu:

O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc.) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscíveis, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos *habitus* e que fundamentam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma. (pp. 49-50, 2005)

Com suporte neste processo descrito acerca da internalização de esquemas e do *habitus*, é possível elucidar o caráter invisível da violência simbólica, atuante por meio de

disposições permanentes previamente construídas e constituindo as matrizes dos pensamentos e ações. Dessa maneira, esse tipo de violência perpassa as hierarquias estabelecidas e dá suporte às estruturas de poder, ao mesmo tempo que, por sua qualidade impalpável, é por vezes dificilmente identificada.

Dessa maneira, a violência simbólica, as relações de poder foucaultianas e a noção de patriarcado, intrinsecamente conectadas, parecem orbitar o conceito de violência de gênero aqui apresentado. Existe, então, um pano de fundo propício para que formas de violência mais óbvias se destaquem no âmbito do gênero, como as já citadas violências física, sexual e psicológica, que, embora sejam permeadas por outros fatores, mostram-se reflexo de saberes institucionalizados acerca do homem e da mulher.

3. Masculinidades

Partindo da noção de gênero, a masculinidade é o conjunto de normas específicas formuladas em torno da dicotomia homem-mulher, conjunto este o qual tem base em modelos sociais e percepções culturais que regulam as emoções e os desejos inerentes à sexualidade dos sujeitos (Januário, 2016) – neste caso, os homens. Ela, portanto, não pode ser visualizada como objeto isolado, mas sim como pertencente a uma macroestrutura organizacional da sociedade, não existindo exceto em contraste com o “feminino” e a feminilidade (Connell, 2005). Vale ainda sublinhar que a masculinidade (e, correlativamente, a feminilidade) não é um conceito presente em todas as culturas e não é um objeto de estudo coerente sobre o qual uma ciência geral pode ser produzida. Saffioti (2011), ao realizar um apanhado histórico acerca do surgimento da assimetria de gênero envolvendo o masculino e o feminino, afirma que:

Entendido como imagens que as sociedades constroem do masculino e do feminino, não pode haver uma só sociedade sem gênero. A eles corresponde uma certa divisão social do trabalho, conhecida como divisão sexual do trabalho, na medida em que ela se faz obedecendo ao critério de sexo. Isto não implica, todavia, que as atividades socialmente atribuídas às mulheres sejam desvalorizadas em relação às dos homens. (p. 58)

Explanando sobre a paulatina transição de uma sociedade relativamente igualitária para o cenário atual, Johnson (1997) traz os fatores históricos da produção de excedentes econômicos e a descoberta de que o homem era fundamental no processo reprodutivo –

pensamento que antes recaía somente à mulher. Estes fatores e as posteriores transformações socioculturais culminaram no surgimento da família como instituição, instituição esta na qual está imbricado o aparecimento de normas e valores que postulam a superioridade masculina (Januário, 2016).

Bourdieu (2005) irá verificar, assim, as características e princípios atribuídos a cada parte dessa divisão da ordem social, sendo os homens pertencentes à esfera do oficial, do público, do direito, do alto, do descontínuo, dos atos breves, perigosos e espetaculares, como a guerra. As mulheres, por sua vez, estariam inseridas no privado, no escondido/invisível, no contínuo, no silêncio, e seria a elas conferido o trabalho doméstico. Há, todavia, ao longo da história e dentre distintas culturas existentes, um número substancial de evidências sobre a diversidade que os papéis de gênero podem assumir: ausência da prática da violação (ou casos em que esta é extremamente rara), comportamento homossexual como prática majoritária, cuidados em relação aos filhos não são de domínio das mães, homens não são comumente agressivos (Connell, 2005).

Tendo em conta as inúmeras possibilidades de performatividade para homens e mulheres quanto aos seus papéis sociais, e que os papéis hoje cristalizados na cultura ocidental não podem resumir as potencialidades de cada um diante de suas vivências, Bourdieu constata que a dominação masculina vitimiza as mulheres tanto como os homens: “Os homens também estão prisioneiros e, sem se aperceberem, vítimas, da representação dominante” (p. 63). A ideia vigente de masculinidade aqui colocada, além de perpetuar o domínio dos homens sobre as mulheres – cuja consequência negativa máxima é a violência –, cerceia os próprios homens em seu efeito homogeneizador.

As críticas às normas do “papel masculino” e a opressão sobre os homens delas decorrente começou a ser debatida ao longo dos anos 1970, destacando-se aí o movimento de liberação gay. O movimento passou a chamar a atenção para a ideia de uma hierarquia das masculinidades, para os estereótipos existentes sobre o que era ser homem e para as implicações subsequentes, como o preconceito dirigido àqueles que não estavam enquadrados corretamente nas expectativas de gênero. Pesquisas empíricas também foram efetuadas em locais como escolas, ambiente de trabalho e comunidades populares no sentido de estudar a pluralidade de masculinidades existente (Mieli, 1980; Connell & Messerschmidt, 2013).

Connell & Messerschmidt fazem uma aproximação dos conceitos de masculinidade hegemônica e masculinidades, sendo este primeiro o exercício normativo do que é culturalmente ligado ao homem, enquanto que o segundo seriam maneiras divergentes dessa

norma. Críticas a tais conceitos apontam que o uso destes termos está enquadrado em uma concepção heteronormativa de gênero e que denota um certo grau de essencialismo, ignorando a diferença e a exclusão dentro das categorias de gênero. A isto, os autores comentam que a masculinidade não é uma entidade fixa encarnada nos sujeitos, mas sim complexa: “As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular” (p. 250).

Outra crítica levantada é sobre as ambiguidades relacionadas ao conceito de masculinidade hegemônica, não havendo algo que concretamente a represente. Connell e Messerschmidt, então, refletem que a ambiguidade em processos de gênero é, por si só, um mecanismo de hegemonia, considerando que uma definição idealizada de masculinidade é constituída em um processo social – existe uma rotatividade de modelos estimáveis de conduta masculina que estão ligados às realidades cotidianas da prática social (a qual não é estática) e que por vezes são distorcidos. “Desse modo, as masculinidades hegemônicas podem ser construídas de forma que não correspondam verdadeiramente à vida de nenhum homem real” (p. 253). Ainda que não correspondam à realidade, o modelo hegemônico expressa ideais amplamente disseminados, fornecendo referências de comportamentos seja para com as mulheres, no que tange às problemáticas das relações homem-mulher, ou relativos às circunstâncias locais do dia-a-dia dos próprios homens.

De acordo com essa perspectiva, assim, entende-se que um padrão de masculinidade hegemônico surge de forma a estabilizar as tensões circunscritas nas relações de gênero, consolidando o poder patriarcal ou reconstruindo-o em novas condições. Ele funciona de maneira referencial para os homens e legitima ideologicamente a subordinação das mulheres, nem sempre assumindo tal posição através da violência visível, mas também pela cultura, pelas instituições e pela persuasão. Em sua aplicação, o conceito de masculinidade hegemônica pode ser visto na exposição ao risco por parte dos homens, na dificuldade em lidar com as próprias incapacidades e ferimentos, na censura a grupos que não se encaixam nos padrões ditados e na própria ausência da censura quando esta é direcionada ao modelo dominante. Esses exemplos não dizem respeito ao exercício da masculinidade hegemônica em si, mas sim à busca por alcançá-la e afirmá-la.

Juntamente à masculinidade hegemônica, Connell (2005) irá apresentar as masculinidades sob diferentes ópticas. A *masculinidade cúmplice* seria exercida por homens que se beneficiam do sistema patriarcal e se identificam com a masculinidade hegemônica, embora não cumpram exatamente todas as práticas estipuladas por esta. A *masculinidade*

subordinada diz respeito às relações de dominação existentes entre os homens, chamando atenção para a subordinação e discriminação daqueles que não possuem as características ditas normativas ou mesmo apresentam aspetos opostos a elas – como aspetos considerados femininos ou ser do homossexual. As *masculinidades marginalizadas*, por sua vez, falam sobre todos os homens que não estão em conformidade com os preceitos hegemônicos (como no que tange à classe social e etnia), embora eles possam apresentar atributos que vão em encontro à masculinidade hegemónica – estas características, no entanto, são desautorizadas em detrimento dos outros aspetos que não estão de acordo com o padrão imposto.

Bourdieu, em sua análise sobre a dominação masculina, alega que “O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe que todo homem o deve de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade” (p. 64, 2005). A virilidade é definida pelo autor como capacidade reprodutiva, sexual e social, bem como disposição à prática da violência. Ela estaria enquadrada dentro da ordem simbólica e suas exigências inacessíveis, sendo uma carga para os homens, os quais teriam a obrigação de exaltar valores masculinos e reproduzir os signos de masculinidade para serem vistos como viris. Tais ações de reforço da virilidade antagonizam com o feminino, percebido como fraco e vulnerável: não performar a virilidade, então, seria se aproximar dessa fraqueza e vulnerabilidade, as quais devem ser evitadas.

Com intrínseca ligação a este tema, umas das formas hoje mais abordadas acerca dos efeitos negativos da masculinidade hegemónica é a masculinidade tóxica, definida como a imposição de papéis de género rígidos que são socialmente destrutivos, como a competitividade agressiva, o uso da violência, a misoginia, a homofobia, a insensibilidade, a falta de consideração com os sentimentos alheios e a forte necessidade de dominar e controlar os outros (Kupers, 2005). Dentre as consequências da masculinidade tóxica – as quais podem incidir tanto sobre terceiros como sobre os próprios homens que a exercem, pode-se citar a invulnerabilidade dos homens no imaginário social, a qual faz com que estes se exponham a mais situações de risco, cuidem menos da saúde e procurem menos por ajuda (Gomes, Nascimento & Araújo, 2007).

Quanto às concepções mais tradicionais acerca da masculinidade, é indicado que o stress causado pela discrepância entre as normas masculinas e o seu efetivo cumprimento está relacionado à perpetração de violência nas relações de intimidade por parte de homens heterossexuais, indicando que o sentimento de ser “menos masculino” poderia influenciar a forma como estes homens percebem determinadas interações – o desafio à masculinidade

percebido, então, levaria à compensação por meio de atos ditos “masculinos”, como a agressividade (Reidy, Berke, Gentile & Zeichner, 2014).

Com o intuito de construir um instrumento capaz de avaliar conflitos de papéis de gênero em homens, O'Neil, Helms, Gable, David, & Wrightsman (1986) procuraram abarcar diversos padrões de conflito oriundos da socialização entre homens e que resultam em consequências negativas para eles, uma vez que são padrões rígidos os quais entram em confronto com a experiência da realidade. Padrões identificados através da literatura para o Gender-Role Conflict Scale I (GRCS-I) e II (GRCS-II) incluem: restrição emocional, homofobia, controle, comportamento sexual e afetivo restrito, obsessão por alcançar sucesso e problemas com cuidados da saúde

Outros estudos empíricos sobre homens e sua conformidade com aspetos idealistas da masculinidade demonstram que aqueles que creem mais fortemente em características da masculinidade hegemônica possuem metade da probabilidade de receber cuidados preventivos do que aqueles que têm tais crenças de forma moderada (Springer & Mouzon, 2011).

Em homens em tratamento para depressão, a aderência às normas tradicionais masculinas foi associada a um pior estado de saúde mental, enquanto que o afrouxamento dessas normas pode estar relacionado a um melhor bem-estar psicológico. Isso pode ser explicado pelo estigma criado em torno da depressão por parte destas normas tradicionais, como a depressão ser associada a mulheres ou ser uma doença que contrariaria o “ser homem” (Kilian et al., 2020).

Em um estudo tendo como foco os fatores de risco para a saúde e a masculinidade no contexto português, Rodrigues (2011) analisou diversos destes fatores, os quais, estatisticamente, incidem mais sobre os homens do que sobre as mulheres, como mortes devidas a causas externas – que não se sustentam em diferenças biológicas – e lesões autoprovocadas intencionalmente. Além disso, os homens também consomem mais bebida alcoólica, fazem mais uso do tabaco e ocupam, em maior quantidade, profissões de risco (consequentemente, sofrendo mais acidentes de trabalho).

Não obstante chame atenção para as gradações possíveis dentro do que se entende por masculinidade, as hipóteses de Connell não podem ser vistas como as únicas existentes, mas sim como um relevante recorte que traduz certas realidades e que pode ser útil para refletir sobre as vivências dos homens quanto ao gênero. Fica exposto, assim, que o que social e historicamente foi construído em torno do “masculino” atravessa a existência desses homens de múltiplas maneiras, estejam eles conscientes ou não.

Estudo Empírico

1. Metodologia

1.1 Objetivos

Visualizando o que foi aqui posto, abre-se o questionamento sobre como a mudança diante da realidade hegemónica – a qual promove desigualdades, violência e restrições – pode ser operada. De acordo com a ONU (2006), estratégias para engajar os homens na prevenção da violência contra a mulher têm incluído trabalhos que despertem a consciência do problema em grupos organizados, como nas forças armadas, em sindicatos, em times esportivos e na polícia. Também campanhas que mostram papéis masculinos positivos são utilizados para tal propósito – embora não se detalhe que papéis positivos seriam esses. Ainda assim, a própria ONU aponta para a necessidade de comprometer os homens mais eficazmente, inclusive no sentido de abordar os estereótipos e as atitudes que perpetuam a violência dos homens contra as mulheres.

Uma vez que um maior conhecimento acerca dos potenciais autores da violência pode oferecer subsídios para o enfrentamento desta questão (Silva, Coelho & Njaine, 2014), faz-se relevante aprofundar-se a concepção que os próprios homens têm acerca do que é masculinidade. Considerando a relação intrínseca entre sexo e género trazida por Scott (1995) e Butler (2003) – sendo a noção do primeiro enviesada pelas construções socioculturais do segundo –, entende-se, aqui, que o questionamento acerca do que é ser homem é capaz de suscitar reflexões que, à primeira vista, parecem estar relacionadas à verdade biológica, mas que fazem emergir as ideias e perspectivas dos papéis sociais internalizados de forma particular em cada sujeito.

Portanto, leva-se em consideração que o exercício da masculinidade hegemónica traz em si múltiplas problemáticas, dentre elas o exercício e perpetuação da violência em suas formas diversas; tem-se também em conta que a desigualdade de género – permeada e perpetrada pela masculinidade hegemónica –, se erradicada, é de extrema relevância para o desenvolvimento sustentável da sociedade (ONU, 2015). Destarte, o objetivo geral desse estudo consiste em explorar a percepção de masculinidade de homens portugueses e perceber como a violência, em particular a violência contra a mulher, aparece em seus discursos. Como objetivos específicos, procura-se compreender as percepções dos homens portugueses

acerca da “masculinidade” e do “ser homem”; quais são as suas percepções acerca da violência e da violência contra a mulher.

A abordagem qualitativa foi a escolhida por possibilitar o entendimento e uma compreensão aprofundada das percepções e dos significados relativos a uma realidade que é individual, mas também socialmente construída. A perspectiva construcionista social é adotada como paradigma deste estudo, visando ao entendimento das masculinidades e da violência não como objetivos, mas como efeito de interações inscritas numa sociedade e numa cultura.

1.2 Participantes

No tocante à caracterização dos participantes, a garantia de anonimato não permite que seja realizada uma descrição específica. Nota-se, entretanto, que participaram do estudo seis homens ao total, cinco identificados com a orientação heterossexual e apenas um com a orientação homossexual. A faixa etária dos entrevistados varia entre os 20 e os 37 anos. Acerca das habilitações académicas, estas variam entre o 9º ano de escolaridade e o doutoramento. Todos pertencem a uma condição económica classificada como “média” e trabalham ou estudam atualmente, apenas um encontrando-se em situação de desemprego. Dois dos participantes estão solteiros, um é casado e três estão em um relacionamento.

Os critérios de inclusão utilizados para este estudo foram os de possuir nacionalidade portuguesa, ser maior de idade e considerar-se um homem, ao que todos os participantes corresponderam positivamente. Não foi utilizado como critério o facto de já terem perpetrado, ou não, violência contra a mulher, uma vez que se tem como intuito compreender as percepções e significações sobre masculinidade e sua possível relação com a violência em um contexto mais vasto, da violência em geral, embora com um foco reforçado na violência contra as mulheres.

O método utilizado para o processo de amostragem foi não-probabilístico, em cadeia. A escolha por este método teve como base a necessidade de obtenção de uma amostra intencional, de pessoas detentoras de uma vivência pessoal específica relativa ao objeto do estudo, também designados, em termos metodológicos, informantes privilegiados, sendo, também, uma amostra por conveniência. Esta opção, mostrou-se útil, na medida em que, sendo o tema deste estudo associado a assuntos delicados e normalmente evitados, a sugestão de novos participantes em cadeia facilitou o acesso a indivíduos disponíveis para colaborar no estudo.

Quanto ao número de participantes, uma vez que se trata de um estudo qualitativo e compreensivo, não se buscou uma quantidade elevada de sujeitos, ainda que tenha sido almejado um amplo alcance quanto à natureza dos dados. Ressalta-se aqui a significatividade das experiências, vivências, percepções e conhecimentos sobre o que é “ser homem” e sobre “masculinidade(s)” e não uma representatividade estatística da amostra. Não obstante o número final de participantes tenha ficado limitado, devido a restrições impostas pela conjuntura pandêmica atual, tal facto não invalidou a relevância do conteúdo e a validade dos dados obtidos.

1.3 Método de recolha de dados

Estando compreendido dentro da abordagem qualitativa, este estudo usa como técnica de coleta de dados a entrevista, mais especificamente a entrevista semiestruturada. A entrevista mostra-se relevante neste contexto, o qual debruça-se sobre a vivência e percepção subjetiva dos participantes acerca do tema. De acordo com Fraser & Gondim (2004), na abordagem qualitativa pretende-se não só entender a opinião dos sujeitos, mas também o que as sustenta – os valores e significados que a alicerçam. Para isso, o entrevistador deve possibilitar o diálogo aberto e não diretivo, favorecendo uma relação intersubjetiva, já que “a abordagem qualitativa advoga que a realidade social não tem existência objetiva independente dos atores sociais, mas ao contrário, é construída nos processos de interações sociais” (p. 146).

Utilizou-se de um guião para a realização da entrevista, construído especificamente para este estudo (cf. Anexo 1), o qual possui enfoque no tema principal – a percepção das masculinidades e a violência, violência em geral e, mais especificamente, violência direcionada às mulheres –, mas com possibilidade de ampliação. Tal ampliação se dá devido ao carácter semiestruturado, o qual permite que o foco se defina ao longo do processo de entrevista, pois novas opiniões e significados surgem à medida que a fala do entrevistado avança, tendo o entrevistador liberdade para redefinir o roteiro de modo a explorar sua compreensão do assunto em pauta (Fraser & Gondim, 2004).

O guião de entrevista foi composto por perguntas – em sua maioria abertas – que abrangiam as percepções dos participantes acerca de suas vivências enquanto homens, papéis de género e violência. Ressalta-se que uma questão de associação de palavras foi primeiramente colocada a fim de identificar que concepções espontâneas poderiam surgir em torno da palavra «homem», e que outras questões aludiram a temas mais específicos, como os referentes à saúde, vida profissional, competitividade e expressão emocional – incluídas

por se considerar que abordam assuntos normalmente associados à vivência dos homens, como identificado pelos GRCS-I e II.

Dessa forma, com cada participante foram realizadas duas etapas da coleta de dados. A primeira consistiu no preenchimento de um questionário sociodemográfico para que o perfil dos participantes fosse levantado, e a segunda consistiu na entrevista em si. Antes que a coleta fosse iniciada, os participantes leram e concordaram com o termo de consentimento informado (cf. Anexo 2).

Devido ao contexto particular de pandemia à altura das entrevistas realizadas nesta pesquisa, estas deram-se em ambiente virtual por meio da plataforma Zoom, escolhida por fornecer segurança à fala dos entrevistados. O Zoom possui uma política de privacidade que envolve a proteção dos dados e chamadas dos participantes através da criptografia, além de não monitorar suas chamadas e, conseqüentemente, o conteúdo destas (Zoom, 2019). As entrevistas, após a autorização dos participantes, foram gravadas no próprio Zoom apenas em formato de áudio, e tiveram duração de entre 40 a 75 minutos. Ter a webcam ligada era optativo, mas todos os sujeitos que realizaram a entrevista por Zoom decidiram-se por ter este recurso ativado.

No que concerne às entrevistas via Zoom, em um estudo comparativo envolvendo entrevistas pessoais e entrevistas virtuais via Skype – plataforma que pode ser equiparada ao Zoom em termos de funcionamento –, Jenner & Myers (2019) concluíram que ambas as estratégias se igualam em relação à qualidade dos dados recolhidos, podendo a entrevista virtual, inclusive, ser superior neste quesito. Não foi identificada redução no *rapport* estabelecido entre entrevistador e entrevistado, e a pesquisa também sugere que o ambiente virtual pode facilitar a discussão de temas sensíveis.

Aos participantes também foi facultada a opção de responder a entrevista por escrito, sendo que apenas um deles optou por este método. Sendo assim, o participante teve acesso ao guião, respondendo-o e encaminhando-o através de correio eletrônico. Este processo ocorreu duas vezes, pois outras questões foram posteriormente colocadas ao indivíduo para que as suas respostas fossem esclarecidas e aprofundadas. Estando esta entrevista já em registo escrito, as outras entrevistas realizadas pelo Zoom foram transcritas para uma subsequente análise.

1.4 Método de análise de dados

Quando à análise dos dados, optou-se pela análise de conteúdo. Este tipo de análise é definido por Bardin (2011) como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações”

(p. 33), havendo "procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (p. 37). Esta análise, ainda de acordo com a autora, seria um método empírico intrinsecamente ligado à fala que estuda o pesquisador. A análise de conteúdo transforma todo o conteúdo adquirido em um resumo de seus pontos-chave, realizando este procedimento de forma organizada por meio das codificações e categorizações (Erlingsson & Brysiewicz, 2017). A sistematização desses pontos-chave emergentes abre espaço à inferência e compreensão dos significados dos conteúdos presentes no material coletado.

Assim, foi efetuada uma análise de conteúdo de tipo categorial, buscando-se estabelecer temas extraídos dos dados de forma a constituir uma grelha de análise categorial. Primeiramente, preparou-se o material a ser analisado – as cinco entrevistas feitas através do Zoom foram transcritas, não havendo necessidade de tratar a única entrevista realizada por correio eletrônico – e efetuou-se a leitura flutuante, em que foram reconhecidos os indicadores que serviriam de guia para a estruturação da análise. Em segundo lugar, ao explorar o material e respaldando-se no objetivo e nas questões deste estudo, foram selecionadas as unidades de registo (ideia) e as unidades de contexto (frase) num processo de codificação, de modo a identificar no *corpus* das entrevistas os seus elementos e sentidos. Em seguida, passou-se para a categorização, classificando-se os elementos com base em seus denominadores comuns. A codificação e o agrupamento em temas foram feitos com auxílio do software Atlas.ti. Tratou-se de uma análise de tipo *grounded*, enraizada nos próprios dados, não tanto de uma análise categorial mais clássica e positivista, como a proposta por Bardin (2011), pelo que não se verificam regras como as da homogeneidade ou exclusividade das categorias/contéúdos a considerar em cada categoria.

Posteriormente, deu-se o tratamento dos resultados e a formulação da grelha de análise, a qual abarcou seis temáticas, cada uma com suas categorias e subcategorias (cf. Anexo 3).

É importante frisar que as categorias foram elaboradas de maneira não apriorística, ou seja, não existiam categorias pré-definidas. Algumas categorias, porém, foram invariavelmente influenciadas pelo direcionamento do guião, havendo temáticas específicas transversais a todas as entrevistas – sendo estas *saúde*, *vida profissional*, *competitividade* e *expressão emocional*. Os três primeiros tópicos, saúde, vida profissional e competitividade, não foram abordados na grelha de análise como *categorias* por não apresentarem respostas de vantagem analítica, ou seja, não houve reflexões que propiciassem uma categorização. As *vantagens* e *desvantagens*, presentes em dois dos temas que serão apresentados, também fora categorias influenciadas pelo direcionamento do guião de entrevista.

2. Descrição dos resultados

Da análise de conteúdo realizada emergiram seis grandes temas, cada um com categorias e subcategorias. Os dois primeiros temas são «*Ser homem*», relativo às percepções e considerações dos participantes acerca da vivência como “homem”, e *Masculinidade*, que diz respeito às concepções acerca deste conceito em particular. Faz-se, desde já, a ressalva de que há um amplo intercâmbio de conteúdos e sentidos entre os dois temas, os quais foram separados por conter significações vinculadas aos *conceitos em si* em diferentes contextos.

Os demais temas são *Concepções sobre a mulher*, o qual faz referência às mulheres, suas atribuições e caracterizações; *Percepção de gênero*, relativo aos discursos acerca dos papéis de gênero, a interação entre estes papéis e subsequentes reflexões; *Violência*, no qual são explorados aspectos diversos acerca do que é a violência, tipos de violência, entre outros; e *Relação Homem/Masculinidade – Violência*, que engloba o conteúdo referente às associações estabelecidas pelos entrevistados entre estas duas temáticas.

A associação livre, que era pedida no início da entrevista e que visava obter potenciais pontos de ancoragem das representações sociais dos entrevistados acerca do que é “ser homem”, foi submetida a uma análise semântica, mas não foi incluída na grelha de análise de conteúdo das entrevistas, por ter uma natureza e objetivo distintos. Através da análise e agrupamento semântico das palavras associadas a homem, foi possível identificar um conjunto de termos conotados com a noção de força (sobretudo a física) e outros atributos físicos/corporais, como alto, músculos, pelo, pênis; dimensões que relacionam força e agressividade e alguns atributos mais negativos, como agressividade, subjugar, combate, tóxico; dimensões que remetem para a família e o cuidado aos outros, como sustento, responsabilidade, pai, amigo, irmão. Estes parecem ser, de facto, pontos de ancoragem das representações sociais dos entrevistados acerca do que é “ser homem” e, desde logo, remetem para algumas concepções e papéis de gênero tradicionais, como ficou mais explícito nas narrativas produzidas por estes, de seguida, durante a resposta à entrevista.

Estes temas, e respetivas categorias e subcategorias, serão expostos com maior profundidade no ponto seguinte.

2.1 «Ser homem»

Neste tema, foram reunidos os dados concernentes à vivência de ser homem, às características outorgadas ao homem e subsequentes considerações. As categorias compreendidas nesse tema foram cinco, sendo elas: *Autorrelato*, *Percepção social*, *Vantagens*

em ser homem, Desvantagens em ser homem e Expressão de emoções. Esta última categoria insere-se aqui por corresponder a um tópico comumente levantado quando se fala na vivência dos homens e que foi incluído no guião de entrevista com o intuito de verificar se estas dimensões eram relevantes para os entrevistados.

O *Autorrelato* fala da experiência pessoal dos participantes enquanto homens. Há relatos sobre o que é ser um homem para eles próprios, como ser um bom pai e ser um bom marido (E2: “*ser um bom pai e um bom marido para sua família*”), e a afirmação de que a autoperceção enquanto homem muda de acordo com o contexto, sendo este familiar ou com colegas (E4: “*Consigo imaginar ser homem a ser uma coisa diferente quando estou [...] com o meu pai ou em contexto familiar e [...] quando estou com os meus colegas no trabalho*”).

A *Perceção social* retrata as expetativas da sociedade direcionadas aos homens, tal como percebidas pelos participantes, como ser forte (E1: “*ser forte em tudo*”; E6: “*Acredito que é esperado que um homem seja forte, devido à sua natureza*”), a repressão de sentimentos, ser heterossexual (E1: “*Ser alguém forte, que não mostre muito as emoções, ser heterossexual, acho que é por aí*”), sustentar a família (E2: “*A sociedade espera que um homem sustente a família e que traga o dinheiro pra casa*”; E3: “*a sociedade espera que o homem seja a pessoa que sustenta a família*”), competitividade exagerada (E4: “*há um aspeto de competição que me faz mesmo muita impressão [...] fazer o ‘tenho que ser melhor do que tu’ [...] também fazer jogos mentais com o outro, deitar o outro abaixo, humilhar*”), promover segurança, ser corajoso e trabalhar. Além das expetativas da sociedade, nesta categoria também estão abarcadas as reações às expetativas, como a opinião de que estas são opressoras (E1: “*Pessoalmente, sinto que essas expetativas são muito opressoras*”) e de que tais expetativas mudam ao longo do tempo (E1: “*eu acho que o que a sociedade espera de um homem foi mudando ao longo do tempo*”), bem como a tentativa de desvinculação (E4: “*nunca me senti como se fosse muito bom a cumprir essas expetativas [...] cada vez mais tento ligar menos a isso. A esses papéis que são esperados do ser homem*”).

Dentre as *vantagens em ser homem*, está a ideia de que o facto de ser homem traz uma vantagem intrínseca (E1: “*há uma vantagem inerente em ser homem*”), a elevada tolerância social para os erros cometidos por homens (E3: “*acho que as pessoas toleram alguns comportamentos mais incorretos se for um homem*”), a maior validade conferida às opiniões dos homens (E1: “*a tua opinião enquanto homem será sempre mais válida*”) e os salários mais altos (E2: “*a única vantagem que eu vejo é financeira, porque se um homem e uma mulher desempenham o mesmo cargo, o homem vai ganhar mais que a mulher*”).

Quanto a potenciais *desvantagens*, não foram identificadas nenhuma pelos participantes (E2: “*Não vejo muitas*”).

A *Expressão emocional*, por fim, diz respeito a como os homens lidam com a externalização de emoções e sentimentos. Foram consideradas, neste tema, as emoções e experiências pessoais dos entrevistados. Dentre as emoções mais fáceis de se expressar, foram citadas a empolgação, o amor, o carinho e a alegria, enquanto as mais difíceis foram a raiva, o sentimento de estar em desacordo com alguém e a tristeza.

No tocante à tristeza, foram feitas algumas considerações, como a não expressão da tristeza como forma de proteção (E1: “*eu comecei a criar uma defesa nesse aspeto de, mesmo estando triste, não revelar tanto, mesmo por uma questão de proteção*”); o encobrimento da tristeza com recurso ao humor (E2: “*protejo um bocado isso com humor, utilizo o humor para abafar a tristeza ou assim, e não demonstro*”); e a associação da tristeza à fraqueza (E1: “*eu acho que, associada à expressão de tristeza, haveria [...] uma espécie de uma cobrança de 'pra quê estás a ser fraco?'*”), ao ato de falhar, à vulnerabilidade e ao facto de ser homem (E4: “*Na sociedade, se calhar, não me sinto tão à vontade, como homem, em exprimir tristeza*”).

Quanto ao contexto no qual expressam as emoções, externalizam mais socialmente as emoções consideradas “fáceis”, não sendo apontado um contexto particular no qual fosse encontrada dificuldade de manifestação. As emoções tidas como “difíceis”, no entanto, são mais externalizadas na presença da companheira, da mãe, de amigas ou amigos próximos, sendo, no geral, mais frequente na presença de mulheres (E2: “*Eu expresso [emoções] mais facilmente com mulheres do que com homens*”), e menos frequente em contextos fora de casa, com homens heterossexuais (E1: “*eu sinto ainda [...] uma espécie de bloqueio quando estou com homens heterossexuais e que têm uma identidade ainda muito tradicional*”) ou com o pai.

Outros pensamentos trazidos sobre expressão de emoções – agora não estritamente de carácter pessoal, mas generalizado –, são os de que os homens se bloqueiam a chorar, e de que têm uma perspetiva negativa, relativamente a homens que manifestam as suas emoções.

2.2 Masculinidade

Esse tema diz respeito às narrativas produzidas pelos sujeitos que contemplaram “masculinidade” e suas especificações. As categorias deste tema são *Definições*, *Ações*, *Características*, *Relações* e *Tipos*.

A categoria *Definições* versa sobre declarações conceptuais da masculinidade, a qual

apareceu associada a uma questão de gênero, como diferenciação em contraste com a mulher (E6: “*Mera diferenciação biológica, e social, para com as mulheres*”), e como estereótipo (E3: “*ficou associada mais pelo estereótipo*”).

Em *Ações*, foram agrupadas subcategorias referentes a aspectos dinâmicos da masculinidade, como não falhar (E4: “*Então esse falhar pode ter a ver também com essa parte da masculinidade, de não se poder falhar*”), suportar a dor (E4: “*acho que, na ideia de masculinidade, há muito aquela ideia que o homem realmente tem que ir para a frente, mesmo que esteja a doer*”), não demonstrar fraqueza emocional (E3: “*masculinidade é uma pessoa a tentar ser forte a nível emocional. Não demonstrar fraqueza a esse nível*”), atos machistas, como objetificar e menosprezar da mulher (E2: “*falar em masculinidade é mais, a meu ver, [...] aquele ato mais machista de menosprezar a mulher e de, às vezes, ver a mulher como objeto*”), praticar desporto, conquistar mulheres, prover e impor-se fisicamente.

Dentre as *Características* acerca da masculinidade mais reportadas, estão o pragmatismo, o ser musculado (E5: “*o que é ser masculino? É ser musculado [...] saber lidar com as situações, assim, pragmático*”), ser resistente (E4: “*mostrar-se duro, resistente*”), a fluidez (E1: “*A fluidez já surge um pouco mais na minha conceção de masculinidade [...] pode ser um homem completamente fluido na sua identidade, na sua forma de ser, na sua aparência*”), e a insegurança.

Em *Tipos* foram inseridas as diferenciações dentro da própria masculinidade. Nota-se, aqui, que, para além do termo “masculinidade” em si, também foi considerado para a categorização o “formas de ser homem” e “ser homem”, devido aos contextos em que apareceram, nos quais faziam referência à “masculinidade”. Desse modo, emergiu uma noção de masculinidade tóxica/tradicional (E4: “*masculinidade... acho que, neste momento, para mim, está [...] muito carregado com aquela parte de masculinidade tóxica*”) e a existência de outras formas de masculinidade (E4: “*eu acho que [...] é algo que está-se a experimentar e a descobrir, assim, outras formas de ser homem que não sejam as tradicionais*”; E1: “*Eu acho que existe mais do que uma masculinidade*”; “*aí que entraria a fluidez, haveria todo um espaço, toda uma abertura à diversidade no que é ser homem... Ou ser masculino.*”).

Em suas *relações com essas conceções de masculinidade*, alguns participantes alegam uma não identificação (E5: “*no geral, não sou [...] uma pessoa muito masculina*”; E1: “*como eu cresci um homem gay [...] sinto que tive outro tipo de experiências que, se calhar, não me levaram por esse caminho de identificação [...] mais agressiva com a*

identidade masculina”), ou uma tentativa de adequação a alguns aspetos deste tipo de masculinidade (E5: “*diretamente relacionado àquilo do estigma social [...], da parte masculina [...], por vezes, dou por mim a fazer atos, a comportar-me de forma a que eu consiga ser inserido na sociedade*”).

2.3 Concepções sobre a mulher

Ao longo das entrevistas, foram reveladas algumas concepções sobre as mulheres. Estas foram levantadas e agrupadas neste tema sob as categorias *Caracterização*, *Expetativas sociais*, *Vantagens em ser mulher* e *Desvantagens em ser mulher*.

Em *Caracterização* encontram-se as visões dos participantes referentes às características da mulher, sendo estas cuidadora (E5: “*A mulher sofre muito mais durante a gravidez e sente muito mais [...]. Eu acho que é normal [...] a mulher ser uma cuidadora*”) e sensível.

Na categoria *Expetativas sociais*, foram dispostas as opiniões dos participantes quanto ao que a sociedade espera das mulheres: ser submissa, recatada (E1: “*De uma mulher [a sociedade] espera um pouco mais de submissão, ou de algum recato. Que não seja alguém [...] que se mostra demais.*”), cuidadora (E5: “*‘cuidadora’, quer esta seja de filhos ou até do próprio homem*”) e estar associada ao trabalho doméstico (E5: “*a parte mais doméstica da casa, acho que a sociedade ainda espera um bocado disso*”; e ao suporte emocional.

As *Vantagens em ser mulher* apontadas pelos entrevistados foram: a maior abertura para expressão emocional (E1: “*é aqui que entra o privilégio de ser mulher, que é o privilégio social de haver maior abertura à expressão emocional*”), a possibilidade de reprodução sem necessidade de um homem (E1: “*Quem se pode reproduzir são as mulheres, que podem ter um filho sem necessitarem de um homem*”) e o maior poder de escolha de parceiros (E5: “*há muito mais homens à procura de mulheres nas noitadas do que mulheres a procura de homens*”). Relativamente às *Desvantagens*, destacam-se a estigmatização, ou seja, uma marca valorativa que pode resultar em relevância da aparência física no meio profissional, abuso em ambiente de trabalho (E5: “*se for um patrão, elas, mais cedo ou mais tarde, irão ter alguma história de abuso*”), a realização de mais tarefas domésticas e a consequente jornada dupla de trabalho.

2.4 Perceções de papéis de género

A respeito deste tema, a organização das categorias teve como critério a seleção de

discursos correspondentes a uma interação entre homens e mulheres – e seus papéis/atribuições de género –, havendo o sentido de colocá-los em conjunto nas suas diversas dinamicidades. Sendo assim, as categorias pertencentes a este tema são *Constatações, Opiniões sobre papéis de género, Comparações e Mudanças a serem implementadas*.

A primeira corresponde às declarações sobre estas interações, como a de que os papéis de género estão mudando com o tempo (E5: “*as pessoas não andam a dormir constantemente, pensam também, tá a mudar pra isso*”) e a de que o masculino e o feminino envolvem performance pelos seus atores (E1: “*ser masculino e ser feminino... tem tudo uma questão mais performativa*”). Em *Constatações* também estão relatos de experiências pessoais, como a divisão de tarefas domésticas com a companheira (E2: “*em nível de casa, dividimos as tarefas às meias*”) ou a surpresa por ver uma mulher no próprio ambiente de trabalho, o que seria considerado pouco usual (E5: “*Na minha área, quando aparece uma rapariga, fico surpreendido*”).

Já as *Opiniões sobre papéis de género* abordam as perspetivas dos entrevistados quanto à igualdade ou equiparação entre os papéis atribuídos ao homem ou à mulher, ou mesmo quanto à perspetiva social que incide sobre os dois. Dentre as opiniões que falam de igualdade, estão as de que os papéis sociais de homens e mulheres são iguais e a de que tanto homens como mulheres podem expressar masculinidade e feminilidade de igual forma. Incluídas nas opiniões que assinalam a diferença, estão as de que os homens e mulheres são vistos de modo diferente pela sociedade e que os dois não estão equiparados no trabalho.

Em *Comparações*, expõem-se as diversas comparações feitas pelos participantes, entre as características referentes ao homem – os homens são fisicamente mais fortes, mais focados, exercem mais violência física e cometem mais assédio – e à mulher – as mulheres são mais sensíveis, são mais capazes de realizar diversas atividades ao mesmo tempo, exercem mais violência psicológica e sofrem mais violência que os homens em Portugal –, ou mesmo em relação a outras esferas – os media focam-se mais em comportamentos incorretos das mulheres do que de homens; crianças esperam mais demonstrações de afeto das mães do que dos pais.

Quando questionados acerca das *mudanças que implementariam* em relação às representações de homens e mulheres na sociedade, obtêm-se respostas focadas em ambos, como o desejo de equilíbrio (E3: “*Se pudesse mudar alguma coisa nisso, acho que seria que a sociedade visse os dois da mesma maneira*”; E5: “*metia-os aos dois no mesmo patamar*”), a eliminação de diferenciação binária de papéis (E1: “[...] acabar com esse binário do

homem e da mulher. Acho que já não cumpre uma função muito útil nos tempos que correm [...] só traz desvantagens quer para os homens, quer para as mulheres”) e a distribuição igual de tarefas. Há, porém, respostas que se centram apenas no homem, como a diminuição do incentivo à agressividade (E4: “se pudesse mudar, seria... por exemplo, às vezes me vem à cabeça, assim, uma imagem dos miúdos a brigarem, e, se calhar, um pai a incentivar. [...] isso mudaria”) e a sensibilização quanto à objetificação das mulheres (E2: “havia-se também, mas aí acho que já se começa na escola, a sensibilizar o homem a não ver as mulheres como objeto... Nos casos de assédios [...]”); e que centram-se na mulher, como a eliminação de limitações (E4: “na ideia da mulher, não limitar o que a mulher pode fazer”) e a eliminação da desigualdade salarial. Por último, houve também a opção pela não alteração das representações.

2.5 Violência

A *Violência* é um tema que abrange a violência em suas variadas configurações conforme o que foi trazido pelos entrevistados, e compreende as *Perceções sobre violência*, as *Circunstâncias em que a violência é aceitável*, a *Violência contra a mulher*, a *Violência contra o homem perpetrada por mulheres* e a *Violência entre homens*.

Em *Perceções*, são distinguidas as definições e características da violência enquanto conceito. Dentre as definições, foram trazidas as de que violência seria o ato de infligir danos, o exercício de poder, a opressão (E1: “exercer poder sobre outra pessoa para fins não tão bons, ou não tão positivos. Acho que implica uma motivação de opressão sobre outra pessoa, ou sobre um coletivo.”), ultrapassagem de limites (E6: “Ultrapassar limites estabelecidos pela sociedade”), uma interrupção brusca e involuntária (E4: “seria qualquer coisa que interrompe o que quer que nós estejamos a fazer de uma forma ou de outra, assim, de uma forma muito brusca”) ou uma força à ação não desejada. Nas características, a violência foi citada como algo mau, que pode ser transmitido intergeracionalmente (E2: “as pessoas que estão a ver [a violência], os filhos e assim, acaba por se tornar violento também, porque a educação que tem é uma educação violenta”), podendo também aparecer sob as formas de violência física, psicológica/verbal e ser fruto de um mal entendido (E3: “Má compreensão sobre a situação em que se encontram, aplica-se a ambos [homens e mulheres]”).

Quanto ao questionamento de se a *violência poderia ser aceitável em alguma circunstância*, todos responderam que sim, tendo em consideração algumas situações específicas, como a autodefesa (E1: “Acho que a única circunstância em que a violência

seria aceitável seria por motivos de autodefesa”), práticas sexuais envolvendo BDSM, educação dos filhos, desportos de combate e forças armadas (E6: “Às vezes, é necessário utilizar métodos violentos para evitar eventos com maiores consequências. É, praticamente, a razão de existirem forças armadas, na minha opinião”).

Acerca da *Violência contra a mulher*, esta também foi considerada aceitável por alguns participantes em momentos específicos, como, novamente, a prática BDSM e a autodefesa (E3: “Se uma mulher tentar me agredir fisicamente, tenho que responder de alguma maneira. Não quer dizer que tenha que revidar de forma mais violenta, apenas defender-me”; E4: “A única situação que vem à minha cabeça é a autodefesa”). Ao fazerem um levantamento de quais seriam os tipos mais praticados de violência contra a mulher, foram trazidas a violência física (E1: “o que é mais reportado é violência física, que é o que deixa marcas mais visíveis”), psicológica, a violação e o assédio (E2: “são mais facilmente vítimas quer de violações, quer de assédios”), estando estes dois últimos englobados pela violência de caráter sexual. Os contextos onde que essas violências têm mais palco seriam o doméstico (E5: “a parte da violência doméstica acho que é a situação em que a mulher sofre mais”), o contexto de relações de intimidade (E4: “num relacionamento, do homem para a mulher”), no trabalho (E5: “há certas situações em que a mulher pode ser explorada de muito mais maneiras do que um homem em certos trabalhos, quer essa seja laboral, sexual, tudo”) e em locais públicos (E2: “Nos casos de assédios nos comboios, nos transportes públicos”; E2: “E às vezes a pessoa vai [...] ao centro comercial e assim, e às vezes ouço homens a falar para as mulheres e fico escandalizado com o que ouço, de insultar”). Em relação a se os participantes já cometeram ou não este tipo de violência, dentre os que responderam afirmativamente, há a violência física e psicológica. Ainda nesta categoria, foram feitas algumas considerações, como as que alegavam que as mulheres deveriam ser mais protegidas pela lei, e os agressores, punidos mais severamente; e que os assédios contra a mulher, em geral, vêm de indivíduos menos instruídos.

A *Violência contra o homem perpetrada por mulheres* foi trazida pelos participantes sob as formas de violência psicológica e física, havendo mais destaques para a violência psicológica (E2: “há mais violência [...] psicológica de mulheres contra homens”; E3: “Como as mulheres não têm... normalmente, não costumam ter mais força física que os homens, costumam fazer mais a violência psicológica”). A violência psicológica também foi citada como já experienciada.

Quanto à *Violência entre homens*, pode ocorrer de forma física ou psicológica, seja num contexto escolar, entre amigos ou colegas, ou sob a forma de competição entre

masculinidades (E1: “isso [competitividade] também pode ser um pouco incitador de violência em alguns contextos. E violência de, pronto, identidades masculinas mais aceitáveis contra as menos aceitáveis”). Os participantes que alegaram já ter sufrido esse tipo de violência apontaram para os tipos físico e psicológico (E5: “eu levava bullying [...] batiam-me, e não era só violência física, era violência também psicológica”), enquanto aqueles que já praticaram indicaram apenas o tipo físico (E6: “já cometi violência física [...] implica simplesmente bulha entre rapazes”; E2: “um dos meus grandes amigos [...] tive uma briga com ele, e demos murros um ao outro”).

2.6 Relação Homem/Masculinidade – Violência

Este tema delinea as relações que foram estabelecidas, ao longo das entrevistas, entre a violência e o “ser homem”/“masculinidade”. Existem, aqui, dois tipos de nexos, sendo eles a *associação de características masculinas/do ser homem e a violência em geral*, e a *associação entre estas características e a violência contra a mulher*.

Quanto ao primeiro, são feitas associações entre a violência e a masculinidade tóxica (E4: “Porque mesmo com aquela ideia de masculinidade tóxica, no fundo é um bocado isso [...] aquelas coisas que a sociedade tá a espera que um homem seja, acho que pode levar a esse tipo de... a essas ideias também. Pode levar a comportamentos violentos, sim”), a força (E1: “se realmente fores definir o homem como a pessoa que tem a força, isso vai levar a que, eventualmente, essa força seja usada contra outras pessoas”), a insegurança (E1: “eles são inseguros, e se calhar é daí que deriva a agressividade”; “Eu acho que eles sentem uma necessidade de se provarem, ou de serem demasiado assertivos ao ponto de serem agressivos para tentar manter uma identidade mais forte e aceitável para outros homens”) e a repressão de sentimentos (E4: “aquela ideia do não exprimir tanto os sentimentos, também acredito que possa, depois, contribuir para que a pessoa também reprima coisas e depois acabam por ser expressas de formas mais violentas”).

No segundo tipo de associações, a violência contra a mulher pode ser vinculada aos padrões aprendidos pelos homens (E4: “Eu entendo que, de facto, há mesmo certos padrões que são aprendidos, uma imagem do que é que um homem deve ser, que é muito nocivo [...] para as mulheres”), à conseqüente autopercepção dos homens e à noção de superioridade (E2: “Eu acho que é mais a forma como o homem se vê [...] Eu vejo como uma pessoa ‘sou superior’. Se eu sou superior, não sei porque alguém inferior pode falar alto comigo”).

3. Discussão dos Resultados

Posta a descrição dos resultados e fundamentando-se no objetivo e questões de pesquisa colocados, avança-se para uma breve discussão.

As concepções do que é ser um homem e das masculinidade mostraram-se consideravelmente interligadas, uma vez que a caracterização feita sobre ambos os termos seguiram por um caminho similar, abordando o modo de estar e agir no mundo – observa-se, por exemplo, que a ideia de sustento da família aparece em «ser homem», enquanto que a noção de ser o provedor aparece quando se fala de masculinidade; também a ideia de ser forte foi trazida ao falar das expectativas sociais para o homem, enquanto que esta palavra foi utilizada em masculinidade, ainda que de forma menos direta, como “ser forte a nível emocional”. Além disso, na categoria *Autorrelato*, as noções trazidas sobre ser homem remetem a papéis sociais (pai, marido) e à sua variabilidade de acordo com o contexto. Ainda neste raciocínio, também se verificou, ao longo da fala dos participantes, o uso sem grande distinção dos termos “ser homem” e “masculinidade” em sentenças que abordavam o mesmo assunto ou tema, por vezes numa mesma frase. Essas observações remetem ao que é enunciado por Scott (1995) e Butler (2003) quanto à ideia de género e verdade biológica, ou seja, o entendimento de que o sexo pertenceria, como o género, ao campo do discursivo, e não pré-discursivo. Isto não quer dizer que os participantes não tinham a perspetiva de serem homens enquanto sexo biológico – mas, ao discorrerem sobre o assunto, acabam por apresentar falas que vão no sentido de papéis sociais para ambos, “homem” e “masculinidade”.

Cabe mencionar, também, a fala relativa à *performatividade* do masculino e do feminino. Em primeiro lugar, têm-se, dentre o conteúdo apresentado, as características e expectativas associadas aos homens e mulheres, as quais remetem, como visto nas comparações feitas pelos entrevistados, a o homem ser mais focado, por exemplo, e a mulher ser mais sensível. Outros destes aspetos são atribuídos de forma mais direcionada, como o pragmatismo e a resistência em *masculinidade* e o recato e a submissão em *concepções sobre a mulher*.

Desse modo, e em estreita relação com o que foi mencionado anteriormente acerca do género e do sexo – a identificação do sexo com o que é colocado pela sociedade nos chamados papéis de género, e o conseqüente desenvolvimento desta identificação à medida que o sujeito interage com seu meio –, a performatividade desses papéis surge de forma a

pôr em prática os aspetos atribuídos aos géneros sem que haja uma essência por trás desta prática (Butler, 2003; Córdoba, 2003).

Outro ponto explorado pelos sujeitos acerca da masculinidade é a existência de mais de um tipo de masculinidade. Esta noção é colocada como um contraste entre algo que é tradicional ou tóxico *versus* outras masculinidades, as quais implicam em diversas possibilidades de se estar no mundo. A masculinidade tradicional/tóxica teria relações mais estreitas com as expectativas sociais e com as características da masculinidade indicadas pelos entrevistados, podendo-se fazer um paralelo com a masculinidade hegemónica de Connell & Messerschmidt (2013). Alguns entrevistados manifestaram uma não identificação com essa masculinidade tradicional – havendo por parte de um deles, porém, a tentativa de adequar o próprio comportamento para inserir-se como “masculino” na sociedade.

Também, como referido, há a alusão ao termo “masculinidade tóxica”, por vezes chamada pelos participantes de “padrão tóxico” ou “tradicional”, e na qual estão inseridas algumas características mencionadas em *Masculinidade* e em *Ser homem*. Assim, ela seria constituída pela resistência, repressão de sentimentos, competitividade exagerada e insegurança. No que concerne às duas últimas, a insegurança estaria diretamente relacionada à possibilidade de não conseguir manter a identidade como homem, e daria origem a um comportamento agressivo com a finalidade de manter a imagem masculina diante dos pares; a competitividade exagerada, por sua vez, está relacionada a ações como humilhar os pares e fazer jogos mentais. Esses atributos estariam englobados tanto pela nocividade da masculinidade tóxica referida por Kupers (2003) quanto pela masculinidade hegemónica, uma vez que procuram sustentar uma imagem de masculinidade quando se sentem inseguros e tentam rebaixar as chamadas “masculinidades subordinadas” no contexto de competitividade.

Quanto às duas primeiras características citadas, apesar de alguns participantes não se reconhecerem na maior parte das expectativas sociais em relação ao homem (ou à masculinidade), pareceu haver identificação com a ideia de ser “resistente” e reprimir os sentimentos – a tristeza em particular. Ficou notória, então, a presença da tristeza nos relatos acerca da expressão emocional, e a dificuldade de demonstrá-la foi uma constatação quase unânime, excetuando-se apenas um participante. Para compreender este fenómeno dentro do âmbito da masculinidade, é necessário ressaltar que a expressão da tristeza foi associada, por alguns sujeitos, a dois aspetos. O primeiro deles é o “falhanço” – a masculinidade significaria não falhar, e a tristeza apareceria como um indicador desta falha, ou seja, uma exposição do erro; o segundo é a “fraqueza”, antagónica à expectativa de força. Assim, não exprimir a

tristeza teria função protetiva, não deixando que os indivíduos sentissem a sensação de vulnerabilidade, e acarretando a crença de que a masculinidade implica em reprimir os sentimentos ou não chorar. É interessante observar que, para além da ausência de externalização, também foi apontado o papel do humor, usado para encobrir a tristeza. Ainda referindo-se à tristeza, visualiza-se uma maior facilidade para exprimi-la com mulheres, sendo mencionadas figuras como a mãe, a companheira ou amigas.

Para além dos pontos relacionados à masculinidade tóxica, em “masculinidade” existe também a percepção do corpo musculado e da imposição física; uma noção parecida aparece nas expectativas sociais para o homem, em que se espera uma “força” física inerente devido a fatores genéticos e biológicos – essa concepção emerge não só nas expectativas, mas também na opinião de alguns entrevistados. A força física seria, inclusive, um dos motivos para que os homens exercessem tipos específicos de trabalhos, pois estariam mais aptos que as mulheres; esse entendimento, para os entrevistados, também serve de justificação para as maiores taxas de violência física de homens contra mulheres. Quanto a estas disposições, é possível assinalar que a masculinidade, enquanto constante construção na interação social e cultural, acaba por interferir da perspectiva de corpo, o qual, embora tenha uma materialidade inegável, ainda é passível de ser influenciado pelas chamadas “práticas corporais” (Connell, 2005).

Outro elemento presente foi a associação entre a masculinidade e a função de provedor, bem como a expectativa social para que o homem trabalhe e sustente sua família. Saffioti (2011) irá abordar este assunto ao associar o *status* de provedor à virilidade masculina. Uma vez perdido este status, haveria uma subversão da hierarquia doméstica e uma subsequente experiência de impotência. A posição do homem como chefe de família é aqui enfatizada, uma vez que tais atribuições implicam o poder económico masculino e, por contraste, uma maior exclusão da mulher nesta esfera.

Quando se passa para as percepções relativas à mulher, é possível identificar as expectativas sociais de que esta seja uma “cuidadora”, que seja submissa e que pertença ao contexto doméstico, no qual pode fornecer algum tipo de suporte emocional. Em contraposição com o ideário do homem nas esferas do oficial e do público, ainda existe o imaginário da mulher nas esferas do privado e doméstico, como abordado por Bourdieu (2005). Não obstante, os participantes enfatizaram a necessidade de equilíbrio entre os géneros, pontuando que a desigualdade atual deveria ser ultrapassada.

No tocante à violência, esta, no discurso dos participantes, é percebida de diversas formas, como o infligir de danos e o exercício de poder, sendo esta última presente nas

análises realizadas por Foucault (2001). A circunstância em que a violência parece ser mais aceitável é em autodefesa, seja esta ação direcionada a homens ou mulheres. Em relação à violência contra a mulher particularmente, a maior parte dos participantes acredita que estas sofrem mais violência física de homens em contexto de intimidade, ou seja, de um parceiro, o que vai em encontro aos dados mais recentes referidos aqui acerca da violência contra a mulher em Portugal. A violência psicológica surgiu de forma mais limitada, sendo enfatizado que este tipo de violência era mais exercido de mulheres contra homens. A violação e o assédio também emergem nas falas, assim como o contexto doméstico. Acerca da prática de violência contra a mulher por parte dos sujeitos, verificou-se a resposta positiva de dois, que, separadamente, exerceram violência psicológica e física.

Relativamente ao segundo caso, a violência praticada limitou-se a um episódio, e relatou-se o sentimento de “desilusão” em relação à situação. Nota-se, aqui, que a dinâmica narrada foi de uma relação na qual se sofria violência psicológica da companheira, não sendo fornecidos mais detalhes.

Faz-se relevante frisar algumas considerações elaboradas por um dos participantes, as quais sugerem que a violência é transmitida de modo intergeracional, ou seja, que pode ser aprendida desde a infância, e que devia-se sensibilizar, na escola, os rapazes quanto aos assédios e à objetificação da mulher.

Tais considerações remetem ao entendimento da prática da violência contra a mulher como adquirida ao longo da socialização do indivíduo em seus processos primários, manifestando-se na vida adulta (Bandeira 2014). Sob esta óptica, a violência contra a mulher poderia ser evitada de acordo com a percepção que estes rapazes ou homens construíssem acerca de si próprios, da mulher e de suas relações diversas.

O mesmo entrevistado, ainda, refere que a percepção que um homem tem de si mesmo pode levar a práticas de violência contra a mulher – em sua fala, ele alude à uma situação fictícia em que uma mulher grita com um homem, o qual, por se perceber *superior*, acaba por não tolerar este comportamento, respondendo de maneira violenta. Esta interação conflituosa entre os dois pode ser interpretada como um desafio à sua masculinidade, levando à compensação por meio do reforço das características associadas ao masculino (Reidy, Berke, Gentile & Zeichner, 2014). Neste mesmo sentido, uma consideração colocada por outro participante, e que alude à noção de masculinidade tóxica, é a de que os homens podem aprender padrões de *ser* e *estar* os quais são nocivos para as mulheres.

Voltando-se para a violência entre homens, observa-se que esta ocorre com mais frequência no contexto escolar, entre colegas ou amigos. A competitividade é indicada como

uma característica relacionada ao homem e que pode influenciar a prática da violência, bem como a noção da existência de masculinidades mais socialmente aceitáveis que perpetraram violência contra as masculinidades menos aceitáveis. Os participantes que já exerceram este tipo de violência indicam a violência física, o que remete às expectativas de força e imposição física presentes na “masculinidade”. No que diz respeito à força, foi feita uma associação entre esta característica e o comportamento violento no homem, sendo justificado que, uma vez que há a autopercepção de ser forte, tal força seria invariavelmente utilizada em alguma direção.

Outras associações foram feitas entre a violência e alguns aspectos da masculinidade, como a já mencionada insegurança, a qual levaria a comportamentos agressivos com a finalidade de provação pessoal diante dos pares – novamente relacionando-se com o *stress* oriundo da discrepância entre o próprio comportamento e a expectativa social (Reidy, Berke, Gentile & Zeichner, 2014); e a repressão de sentimentos, em que esta teria como consequência a externalização violenta dos sentimentos reprimidos.

Conclusão

Este estudo teve como propósito explorar as percepções de homens portugueses acerca da masculinidade, e como tais percepções poderiam estar relacionadas com a prática da violência contra a mulher. Desse modo, tentou-se compreender como os entrevistados relacionam-se com os próprios discursos acerca da masculinidade, tendo em vista contribuir para o entendimento do papel dos homens na mitigação deste tipo de violência.

As percepções de masculinidade referidas pelos participantes estão vinculadas às expectativas da sociedade, sendo que estas expectativas remetem para as masculinidades hegemónica, tóxica ou tradicional. Há pouca identificação dos entrevistados com estas concepções, e aludiu-se a uma abertura para novas formas de masculinidade – as quais estão inscritas no campo das *possibilidades*. No entanto, mesmo tendo ciência desta pluralidade, as expectativas sociais pareceram ainda exercer influência nos sujeitos, uma vez que existem *tentativas* de desvinculação e eventuais adequações de seus comportamentos para serem reconhecidos enquanto homens/masculinos pelo olhar da sociedade, bem como a repressão de sentimentos, vastamente presente na fala dos indivíduos – demonstrando que a relação com os discursos socioculturais pode ser dinâmica e ambígua.

No que concerne à violência, estabeleceu-se uma associação entre esta e alguns componentes da masculinidade; a violência contra a mulher também foi associada a aspetos da masculinidade tradicional/hegemónica. Pontua-se que a insegurança e a não demonstração de sentimentos mostraram-se expressivas nesse sentido. Quanto a isso, é interessante notar que a Pappas (2018) apresenta diretrizes da American Psychology Society para a prática com homens e meninos, dentre as quais – visando a mudança cultural – está o reconhecimento, por parte dos profissionais de saúde mental, de como o poder, o privilégio e o sexismo conferem benefícios ao homem, mas também ameaças.

Assim, os resultados assinalam a importância dos discursos na manutenção ou mudança de padrões sociais prejudiciais aos sujeitos, salientando-se a possibilidade da construção e prática de novas formas de estar no mundo que vão de encontro à hegemonia estabelecida. Os homens, aqui, podem contribuir ativamente para a promoção dessas mudanças.

Como limitações, tem-se em conta de que este estudo foi realizado com sujeitos pertencentes a uma mesma etnia e classe social, não havendo abertura para um olhar interseccional neste sentido.

Referências Bibliográficas

- Almeida, J. (1998). *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: UNESP.
- Alves, S. L. B., & Diniz, N. M. F. (2005). Eu digo não, ela diz sim: a violência conjugal no discurso masculino. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 58(4), 387-392. doi: 10.1590/S0034-71672005000400002
- APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2018). *Estatísticas APAV – Vítimas de Violência Doméstica 2013-2017*.
- Azambuja, M. P. R. (2008). *Violência de género e os discursos circulantes nos cuidados de saúde primários* (Tese de Doutoramento). Universidade do Minho, Braga, Portugal. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/8506>
- Bandeira, L. M. (2014). Violência de género: a construção de um campo teórico e de investigação. *Sociedade e Estado*, 29(2), 449-469. doi: 10.1590/S0102-69922014000200008
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, Lda.
- Bento, B. (2006). *A reinvenção do corpo: sexualidade e género na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Bourdieu, P. (2005). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Butler, J. (2003). *Problemas de género: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Connell, R. W. (2005). *Masculinities*. California: University of California Press.
- Connell, R. (2012). Masculinity Research and Global Change. *Masculinities and Social Change*, 1(1), 4-18. doi: 10.17583/msc.2012.157
- Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas, Florianópolis*, 21(1), 241-282. doi: 10.1590/S0104-026X2013000100014
- Córdoba García, D. (2003). Identidad sexual y performatividad. *Athenea Digital. Revista De Pensamiento E Investigación Social*, 1(4), 87-96. doi: <https://doi.org/10.5565/rev/athenead/v1n4.87>
- Erlingsson, C., & Brysiewicz, P. (2017). A hands-on guide to doing content analysis. *African Journal of Emergency Medicine*, 7(3), 93-99. doi: 10.1016/j.afjem.2017.08.001
- Foucault, M. (2001). *História da sexualidade I: a vontade de saber* (M. T. d. C. Albuquerque & G. Albuquerque, Trans.). Rio de Janeiro: Graal.

- Fraser, M. T. D., & Gondim, S. M. G. (2004). Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 14(28), 139-152. doi: 10.1590/S0103-863X2004000200004
- Gomes, R., Nascimento, E. F., & Araújo, F. C.. (2007). Por que os homens buscam menos os serviços de saúde do que as mulheres? As explicações de homens com baixa escolaridade e homens com ensino superior. *Cadernos de Saúde Pública*, 23(3), 565-574. doi: 0.1590/S0102-311X2007000300015.
- Guedes, M. E. F. (1995). Género, o que é isso?. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 15(1-3), 4-11. doi: 10.1590/S1414-98931995000100002
- Instituto Europeu para a Igualdade de Género (2014). *Estimating the costs of gender-based violence in the European Union (Estimar os custos da violência baseada no género na União Europeia)*. Serviço das Publicações da União Europeia, Luxemburgo. Disponível em: <https://eige.europa.eu/publications/estimating-costs-gender-based-violence-european-union-report>
- Januário, S. B. (2016). *Masculinidades em (re)construção: género, corpo e publicidade*. Covilhã: Editora LabCom.IFP.
- Jenner, B. M., & Myers, K. C. (2019). Intimacy, rapport, and exceptional disclosure: a comparison of in-person and mediated interview contexts. *International Journal of Social Research Methodology*. 22(2), 165-177. doi: <https://doi.org/10.1080/13645579.2018.1512694>
- Johnson, M. P. (2007). *Domestic Violence: The Intersection of Gender and Control*. In L. L. O'Toole, J. R. Schiffman, & M. K. Edwards (Eds.), *Gender Violence: Interdisciplinary Perspectives*. New York University Press.
- Johnson, A. G. (1997). *The Gender Knot – Unraveling our Patriarchal Legacy*. Filadélfia, Temple University Press.
- Kilian, R., Müller-Stierlin, A., Söhner, F., Beschoner, P., Gündel, H., Staiger, T., Stiawa, M., Becker, T., Frasch, K., Panzirsch, M., Schmauss, M., & Krumm, S. (2020). Masculinity norms and occupational role orientations in men treated for depression. *PLoS ONE* 15(5). doi: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0233764>
- Kupers, T. A. (2005). Toxic masculinity as a barrier to mental health treatment in prison. *Journal of Clinical Psychology*, 61, 713-724. doi : 10.1002/jclp.20105
- Lima, D. C., Büchele, F., & Clímaco, D. A. (2008). Homens, género e violência contra a mulher. *Saúde e Sociedade*, 17(2), 69-81. doi: 10.1590/S0104-12902008000200008

- Mieli, M. (1980). *Homosexuality and Liberation: Elements of a Gay Critique*. Translated by D. Fernbach. London: Gay Men's Press.
- Minayo, M. C. S., & Souza, E. R. (1999). É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 4(1), 7-23. doi: 10.1590/S1413-81231999000100002
- Neves, S., Ferreira, M., Borges, J., Correia, M., Abreu, A. L., Correia, A., Tapa, J., & Silva, E. (2020). *Estudo nacional sobre a violência no namoro em contexto universitário: crenças e práticas*. Lisboa: Associação Plano i.
- OMS – Organização Mundial da Saúde. (2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. OMS, Genebra. Disponível em: <<https://www.opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude.pdf>>.
- OMS – Organização Mundial da Saúde. (2004). *Violence Against Women and HIV/AIDS: Critical Intersections (Intimate Partner Violence and HIV/AIDS)*. OMS, Genebra. Disponível em: <<https://www.who.int/hac/techguidance/pht/InfoBulletinIntimatePartnerViolenceFinal.pdf>>.
- O'Neil, J. M., Helms, B. J., Gable, R. K., David, L., & Wrightsman, L. S. (1986). Gender-Role Conflict Scale: College men's fear of femininity. *Sex Roles: A Journal of Research*, 14(5-6), 335–350. <https://doi.org/10.1007/BF00287583>
- ONU – Organização das Nações Unidas. (2006). *In-depth study on all forms of violence against women*. Disponível em: <<http://daccess-ods.un.org/TMP/8874883.html>>.
- ONU - Organização das Nações Unidas. (2015). *Transforming our world: The 2030 agenda for sustainable development*. Disponível em: <<https://sustainabledevelopment.un.org/post2015/transformingourworld>>.
- Pappas, S. (2018). APA issues first-ever guidelines for practice with men and boys. *Monitor on Psychology*, 50(1). Disponível em: <http://www.apa.org/monitor/2019/01/ce-corner>
- Parrott, D. J., & Zeichner, A. (2003). Effects of hypermasculinity on physical aggression against women. *Psychology of Men & Masculinity*, 4, 70-78. doi: <https://doi.org/10.1037/1524-9220.4.1.70>
- Reidy, D. E., Berke, D. S., Gentile, B., & Zeichner, A. (2014). *Man enough? Masculine discrepancy stress and intimate partner violence*. *Personality and individual differences*, 68, 160–164. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.04.021>

- Rodrigues, E. (2011). Masculinidades e fatores sociais de risco para a saúde: um retrato nacional. *Saúde & Tecnologia*, 6, 24-31. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.21/985>
- Saffioti, H. I. B. (2011). *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Scott, J. (1995). Gênero, uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 20(2), 71-99. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>
- Scott, J. (2010). Gender: Still a Useful Category of Analysis? *Diogenes*, 57(1), 7 - 14. doi: 10.1177/0392192110369316
- Silva, A. C. L. G., Coelho, E. B. S., & Njaine, K. (2014). Violência conjugal: as controvérsias no relato dos parceiros íntimos em inquéritos policiais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(4), 1255-1262. doi: 10.1590/1413-81232014194.01202013
- Springer, K. W., & Mouzon, D. M. (2011). "Macho Men" and Preventive Health Care : Implications for Older Men in Different Social Classes. *Journal of Health and Social Behavior*, 52(2), 212-227. doi: 10.1177/0022146510393972
- Wood, G. G., & Roche, S. E. (2001). Situations and representations: Feminist practice with survivors of male violence. *Families in Society*, 82(6), pp. 583-590. doi: doi.org/10.1606/1044-3894.163
- Zoom. (2019). *Privacy & Security for Zoom Video Communications*. Disponível em: https://zoom.us/docs/en-us/privacy-and-security.html?zcid=3766&creative=433314902143&keyword=%2Bzoom%20%2Bde%20%2Bseguran%C3%A7a&matchtype=b&network=g&device=c&gclid=Cj0KCQJw-uH6BRDQARIsAI3I-Uf0JBpv1b6xxElk-Ps4O92NtR8WS4IC2bE7WaQfkq6S4d0c6vjRjEIaAn_MEALw_wcB.

Anexos

Anexo 1 – Guião de Entrevista

Parte I

1. Se lhe disser a palavra “homem” e perguntar quais as cinco primeiras palavras que lhe vêm à cabeça quando pensa na palavra homem, que palavras diria?
2. Na sua opinião, o que é a sociedade espera de um homem? (em diversos contextos: família, amizade, trabalho, relações amorosas.) E de uma mulher?
 - a. Como interpreta a expressão “faz-te um homem/sê um homem/comporta-te como um homem”? Que mensagem isso passa às pessoas?
 - b. Considera que ser homem é diferente de ser mulher e, se sim, quais as diferenças e semelhanças entre homens e mulheres? Homens e mulheres têm papéis específicos/diferentes na sociedade? Há comportamentos que se adequem mais a homens ou a mulheres?
 - c. Como se sente ao ser confrontado com essas expectativas / papéis?
3. E na sua conceção pessoal, o que é um homem / o que é “ser um homem”? Existem características específicas que definam ou descrevam, em termos gerais, os homens? Poderá haver uma imagem geral do que é um homem ou há diferentes tipos de homens?
4. Existem vantagens em ser homem / ser mulher? E desvantagens? Se sim, quais?
5. Como definiria masculinidade?
6. Costuma expressar as suas emoções regularmente? Se sim, com que frequência e com quem? Se não, por que acha que isso acontece? Que tipo de emoções expressa mais facilmente, e que tipo expressa menos facilmente (ou mais e menos frequentemente)?
7. Acha que é fácil ou difícil demonstrar afeto relativamente a uma mulher, seja afeto verbal ou físico? Quais as manifestações de afeto mais e menos difíceis de expressar?
8. E relativamente a outro homem, é fácil ou difícil manifestar afeto, seja afeto verbal ou físico? Quais as manifestações de afeto mais e menos difíceis de expressar a um homem?
9. Considera-se uma pessoa competitiva? Se sim, em que contextos?
10. Sente-se pressionado em relação à sua carreira profissional? Se sim, de que forma?

11. Como avalia o cuidado com sua saúde (física e psicológica)? Por favor, desenvolver um pouco.

Parte II

1. O que entende por violência / como definiria violência? Que tipos de violência conhece?
2. Em que circunstâncias ou condições entende que a violência é aceitável? Há formas de violência mais aceitáveis que outras? Explique quais e porquê, por favor.
3. Haverá formas de violência mais utilizadas contra mulheres e formas de violência mais utilizadas contra homens, ou são idênticas?
4. Em que situações pensa que surge mais frequentemente a violência direcionada contra uma mulher? E contra um homem?
5. Em que situações a violência contra uma mulher poderia ser compreensível ou aceitável? E contra um homem?
6. Alguma vez sofreu algum tipo de violência? (Se sim, qual? Como ocorreu? Como se sente relativamente a isso?)
7. Já testemunhou algum episódio de violência direcionada a uma mulher? (Se sim, que tipo de violência? Como ocorreu? Como se sente relativamente a isso?)
8. Acha que já cometeu algum tipo de violência? (Se sim, qual? Dirigida a uma mulher ou homem? Quais os motivos para esse comportamento? Como ocorreu? Como se sente relativamente a isso?)
9. Acredita que a forma como uma pessoa define os homens / o que é ser um homem e/ou a masculinidade pode influenciar o seu comportamento e pode influenciar a prática de comportamentos violentos? Se sim, de que modo?
10. Se pudesse alterar a representação que a sociedade tem de homens e mulheres, o que mudava?
11. Há alguma questão que considere importante, relacionada com estas questões, e que eu não lhe tenha colocado?

Anexo 2 – Termo de Consentimento Informado

Informações relevantes para a participação

Estudo sobre as percepções da masculinidade e sua potencial relação com a violência

No âmbito da dissertação de Mestrado em Temas de Psicologia da aluna Carolina Guimarães, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, está em curso um estudo sobre as percepções da masculinidade e sua potencial relação com a violência. Este estudo está a ser desenvolvido sob a orientação da Professora Doutora Celina Manita e tem como objetivo central conhecer as diferentes percepções homens portugueses sobre o que é a masculinidade e compreender a sua eventual relação com a legitimação, rejeição, prática ou não-prática de violência, designadamente a violência nas relações de intimidade. Para procedermos à recolha de dados necessária à prossecução deste estudo, solicitamos a sua colaboração na resposta a uma entrevista semiestruturada, que, preferencialmente — e se concordar com isso —, será gravada, complementada, se necessário, com anotações escritas. Esta gravação serve apenas para assegurar a fidelidade da informação a analisar, não tendo qualquer outro fim, e será preservada anonimamente durante o processo de audição e análise, sendo destruída após a conclusão do estudo.

Este estudo rege-se pelos princípios éticos e deontológicos que devem nortear toda a investigação científica, pelos princípios fundamentais da beneficência e não maleficência, fidelidade e responsabilidade, integridade, justiça e respeito pelos direitos e dignidade das pessoas, assim como pelos princípios específicos referentes à investigação em Psicologia estabelecidos pelo Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses.

As informações obtidas através desta entrevista serão unicamente utilizadas para fins científicos e serão trabalhadas apenas pelas autoras e pela supervisora científica deste estudo. Os dados pessoais fornecidos são confidenciais e o seu nome será substituído por um código, aquando da transcrição e análise da entrevista. Todos os registos áudio serão destruídos após o término do estudo, e somente as transcrições, anonimizadas, serão conservadas (durante um período máximo de cinco anos), dadas as obrigações científicas relacionadas com a das avaliação e defesa pública das teses de mestrado.

Os resultados finais da investigação, resultantes da análise integrada de todas as entrevistas recolhidas durante o estudo, poderão ser usados no âmbito da docência e da formação, podendo ser publicados em formato de tese, livro ou artigo científico ou apresentados em conferências/eventos científicos.

Caso deseje colocar questões acerca deste estudo, dos dados recolhidos durante a entrevista, ou dos resultados finais da tese, pode enviar *e-mail* para os seguintes endereços de correio eletrónico:

Carolina Guimarães – carolinaogmrs@gmail.com

Celina Manita – celina@fpce.up.pt

Muito obrigada pela sua participação.

Termo de Consentimento Informado

Eu, abaixo assinado, declaro que tomei conhecimento dos objetivos e procedimentos deste estudo, sobre as perceções de masculinidade e sua potencial relação com a violência, a ser realizado no âmbito do Mestrado em Temas de Psicologia, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, por Carolina Guimarães, sob supervisão científica da Prof.ª Doutora Celina Manita, e que compreendi as explicações que me foram fornecidas acerca do estudo, que se rege pelos princípios éticos e deontológicos fundamentais da investigação. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias e obtive resposta satisfatória para elas, tendo-me sido dado tempo para refletir sobre a minha participação. Compreendo que a minha participação é inteiramente voluntária e que poderei desistir de colaborar a qualquer momento, sem que isso acarrete nenhuma consequência para mim.

Assim sendo, declaro que aceito livremente participar neste estudo.

_____, __/__/____

Nome _____

Assinatura _____

Anexo 3 – Grelha de Análise de Conteúdo dos Dados

Temática 1: «Ser homem»

Autorrelato	Autoperceção como homem muda com o contexto	Família
		Colegas
	Ser um bom pai	
	Ser um bom marido	
Perceção Social	Expectativas da sociedade	Sustentar a família
		Trabalhar
		Reprimir sentimentos
		Competitividade exagerada
		Ser forte
		Ser corajoso
		Ser heterossexual
		Dar segurança
	Reações às expetativas	Expetativas sociais sobre os homens são opressoras
		Expetativa social mudou ao longo do tempo

		Tentativa de desvinculação
Expressão emocional	Emoções mais fáceis de expressar	<p>Empolgação</p> <hr/> <p>Amor</p> <hr/> <p>Carinho</p> <hr/> <p>Alegria</p>
	Emoções mais difíceis de expressar	<p>Tristeza</p> <hr/> <p>Dificuldade em expressar tristeza está associada a ser homem</p> <hr/> <p>Tenta não se prolongar na tristeza</p> <hr/> <p>Não expressão da tristeza como forma de proteção</p> <hr/> <p>Tristeza associada à fraqueza</p> <hr/> <p>Tristeza associada ao falhanço</p> <hr/> <p>Tristeza associada à vulnerabilidade</p> <hr/> <p>Encobrimento da tristeza com humor</p> <hr/> <p>Desconforto ao ser consolado</p> <hr/> <p>Desacordo</p> <hr/> <p>Raiva</p>
	Contexto em que expressa mais	<p>Emoções mais difíceis</p> <hr/> <p>Com a companheira</p> <hr/> <p>Com a mãe</p>

		Com amigas
		Com mulheres
		Com amigos próximos
	Emoções mais fáceis	Socialmente
Contexto em que expressa menos	Emoções mais difíceis	Com o pai
		Com homens não heterossexuais/com identidade tradicional
		Fora de casa
	Emoções mais fáceis	
Outros	Alguns homens bloqueiam-se a chorar	
	Homens veem como negativa a expressão emocional em outros homens	
Vantagens em ser homem	Há uma vantagem inerente em ser homem	
	Sociedade tolera o erro	
	Opinião é mais válida	
	Ganha salários mais altos	
Desvantagens em ser homem	Não identificadas	

Temática 2: Masculinidade

Definições	Género masculino	
	Contraste biológico e social em relação à mulher	
	Estereótipo do homem	
Ações	Machismo	Menosprezar a mulher
		Objetificar a mulher
	Não falhar	
	Suportar o cansaço/dor	
	Prover	
	Não demonstrar fraqueza emocional	
	Praticar desporto	
	Conquistar mulheres	
	Impor-se fisicamente	
	Características	Pragmatismo
		Ser musculado
Ser resistente		

	Insegurança
	Fluidez
Relação com a masculinidade	Não identificação
	Adequação de comportamentos
Tipos de masculinidade	Tóxica/tradicional
	Outras formas de masculinidade

Temática 3: Concepções sobre a mulher

Caracterização	Cuidadora
	Sensível
Expectativas sociais	Submissa
	Recatada
	Suporte emocional
	Cuidadora
	Mulheres associadas ao trabalho doméstico
Vantagens em ser mulher	Têm maior abertura para expressão emocional
	Podem reproduzir-se sem a necessidade de um homem

	Maior poder de escolha de parceiros	
Desvantagens em ser mulher	São estigmatizadas	São contratadas pela aparência física
		Realizam mais tarefas domésticas
		Jornada dupla de trabalho
		Abuso em ambiente de trabalho
	Salários menores	
	Assédio no trabalho	

Temática 4: Percepções de papéis gênero

Constatações	Afirmações	Papeis de gênero estão mudando com o tempo
		Ser masculino ou feminino é performático
	Experiência pessoal	Há divisão de tarefas domésticas
		Há surpresa ao ver mulheres em determinados tipos de trabalho
Opinião sobre papéis de gênero	São iguais	Papeis sociais de homens e mulheres são iguais
		Homens e mulheres têm papéis semelhantes em relações de intimidade

		Homens e mulheres podem expressar masculinidade e feminilidade de forma igual
	São diferentes	Homens e mulheres são vistos de forma diferente pela sociedade
		Homens e mulheres não estão equiparados no trabalho
Comparações	Atribuição de características e comportamentos	<p>Mulheres</p> <p>Mulheres exercem mais violência psicológica</p> <p>Mulheres são mais capazes de fazer multitasking</p> <p>Mulheres são mais sensíveis</p> <p>Mulheres sofrem mais violência que homens em Portugal</p> <p>Mulheres correm mais riscos ao estarem sozinhas</p> <p>Homens</p> <p>Homens exercem mais violência física</p> <p>Homens são fisicamente mais fortes</p> <p>Homens são mais focados</p> <p>Homens assediam mais</p>
	Outros	Os media focam-se mais em comportamentos incorretos das mulheres do que de homens

		Crianças esperam mais demonstração de afeto da mãe do que do pai
Mudanças a serem implementadas	Relativamente ao homem	Diminuição do incentivo à agressividade
		Sensibilização quanto à objetificação da mulher
	Relativamente à mulher	Eliminar limitações
		Eliminar desigualdade de salários em relação aos homens
	Ambos	Equilíbrio entre os gêneros
		Eliminar diferenciação binária de papéis
		Distribuição igual de tarefas
	Não implementaria mudanças	

Temática 5: Violência

Percepções de violência	Definições	Exercício de poder
		Infligir danos
		Opressão
		Agressão

		Ultrapassar limites
		Interrupção brusca e involuntária
		Forçar à ação não desejada
	Características	Física
		Psicológica
		Verbal
		É algo mau
		Transmissão intergeracional
		Causada por má compreensão entre indivíduos
Circunstâncias em que é aceitável	Autodefesa	
	Educação dos filhos	
	Desportos de combate	
	Práticas sexuais BDSM	
	Forças armadas	
Violência contra a mulher	Tipos mais praticados	Física
		Psicológica

	Violação	
	Assédio	
Contexto em que ocorre	Contexto doméstico	
	Relações de intimidade	
	Trabalho	
	Locais públicos	
É aceitável	Sim	Autodefesa
		BDSM
	Não	
Já praticou	Sim	Violência física
		Violência psicológica
	Não	
Já testemunhou/Conhece alguém que sofreu	Sim	Violência física
		Violência psicológica
		Violência doméstica
	Não	
Considerações	Mulher deveria ser mais protegida	

		Punições mais severas para o agressor	
		Mulheres têm medo de prestar queixa	
		O assédio às mulheres vem de indivíduos menos instruídos	
Violência contra o homem perpetrada por mulheres	Tipos praticados	Psicológica	
		Física	
	Já sofreu	Sim	Psicológica
		Não	
Violência entre homens	Tipo	Psicológica	
		Física	
	Contexto	Escola	
		Entre amigos/colegas	
		Competição entre masculinidades	
	Já sofreu	Sim	Violência psicológica
			Violência física
		Não	
	Já praticou	Sim	Violência física
Não			

Temática 6: Relação Masculinidade/Ser homem – Violência

Violência

Associação entre «masculinidade tóxica» e violência

Associação entre a característica «força» e violência

Associação entre «insegurança» e violência

Repressão de sentimentos pode resultar em violência

Violência contra mulher

Padrões aprendidos por homens podem ser nocivos para as mulheres

Autopercepção pode influenciar o uso de violência

Associação entre «superioridade física» e violência contra a mulher
